

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Luciana Mirabile

**REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS
EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR**

Mestrado em Língua Portuguesa

SÃO PAULO
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

LUCIANA MIRABILE

REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS
EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora Sueli Cristina Marquesi.

SÃO PAULO

2007

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, acima de tudo, a Santo Antônio, a quem sempre recorri em todos os momentos importantes de minha vida.

A minha mãe, que sempre me apoiou e incentivou a realizar esse sonho.

À Professora Doutora Sueli Cristina Marquesi, pela orientação e, sobretudo, pelo apoio nas horas mais difíceis.

Aos Professores Doutores Odair Bermelho e Leonor Lopes Fávero, pelas contribuições inestimáveis dadas durante o Exame de Qualificação.

Aos Professores do Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa, pelos ensinamentos.

À amiga Fabiana Hajnal, por tudo.

À Lourdes, pela disposição em sempre ajudar.

Aos amigos Cesar e Ricardo, do Colégio Agostiniano Mendel, pelo suporte técnico e paciência.

A todos os amigos que, em maior ou menor grau, contribuíram para a realização desse trabalho.

À Secretaria Estadual de Educação, pela concessão da Bolsa Mestrado.

DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada aos meus filhos, Eduardo e Henrique, pelo silêncio nos momentos de necessidade e pela compreensão quando precisei negligenciar meu papel de mãe.

RESUMO

Esta dissertação insere-se na linha de pesquisa Leitura e Escrita e tem como objeto de estudo a relevância das estratégias de referenciação para a construção de sentidos no texto. Pretendemos evidenciar, por meio da análise de dois contos literários, a importância da referenciação para a construção de sentidos do texto.

O objetivo deste trabalho é contribuir para os estudos de Língua Portuguesa, com especial destaque para a leitura. Nossos objetivos específicos são: 1. verificar como se dá a ocorrência das estratégias de referenciação nos contos *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, de Clarice Lispector; 2. refletir sobre como o processo de referenciação pode auxiliar o leitor na construção de sentidos do conto literário.

A fundamentação teórica situa-se na Lingüística Textual e, para atingirmos nossos objetivos, buscamos autores que tratam da referenciação, como Mondada e Dubois (1995, 2003), Koch (2004a), Koch e Elias (2006), entre outros. As estratégias de referenciação foram abordadas sob a ótica de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Tratamos igualmente da leitura sob a ótica de Koch (2005b) e Koch e Elias (2006). No tocante ao conto, o trabalho fundamenta-se nos estudos de Moisés (1967), Gotlib (1988), Propp (1983) e Jolles (1976).

Os resultados obtidos na análise dos contos indicam que o processo de referenciação pode auxiliar o leitor a construir sentidos nos textos que lê, uma vez que tal processo leva o leitor a construir cadeias coesivas de sentido. Consideramos que a investigação abre novas perspectivas para o estudo da referenciação em outros tipos de texto e para o ensino da leitura nas séries finais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: referenciação, construção de sentidos, contos.

ABSTRACT

This dissertation is set in the Reading and Writing research line and its purpose is to study the importance of the reference strategies for the construction of meanings in the text. We intend to evidence, through the analysis of two short stories, the importance of the reference process for the construction of meanings of a text.

The aim of this project is to contribute to the Portuguese Language studies, especially to reading. Our specific purposes are: 1. to verify how the reference strategies occur in Clarice Lispector's short stories *Os laços de família* e *Feliz aniversário*; 2. to reflect about how the reference process can help the reader in the construction of meanings of the literary short stories.

The theoretical basis is in the Text Linguistics and, in order to reach our goals, we sought authors who deal with reference, like Mondada and Dubois (1995, 2003), Koch (2004a), Koch and Elias (2006), *et al.* The reference strategies were discussed according to Apothéloz and Reichler-Béguelin (1995). We similarly discuss the reading according to Koch (2005b) and Koch and Elias (2006). Concerning to short stories, our project is based on the studies of Moisés (1967), Gotlib (1988), Propp (1983) and Jolles (1976).

The results obtained from the short stories analysis showed that the reference process can help the reader construct meanings in the texts he reads, since such process makes the reader construct cohesive chains of meaning. We understand that our research opens new perspectives of reference study in other kinds of texts and for the teaching of reading in last grades of Primary Education.

Key-words: reference, construction of meanings, short stories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – O processo de referenciação	17
1.1 Da referência ao processo de referenciação.....	17
1.2 As estratégias de referenciação.....	24
1.3 Nominalizações, nomes-núcleo e argumentatividade.....	30
1.4 A construção de sentidos do texto.....	37
CAPÍTULO II – O conto literário	42
2.1 O conto: das origens ao conto literário	42
2.2 A forma e a estrutura do conto.....	44
2.3 O conto literário.....	49
2.4 A produção contística de Clarice Lispector.....	54
CAPÍTULO III - A construção de sentidos nos contos clariceanos	63
3.1 Analisando contos de Clarice Lispector.....	63
3.1.1 Os laços de família.....	64
3.1.1.1 As nominalizações.....	65
3.1.1.2 As pronominalizações.....	72
3.1.2 Feliz aniversário.....	74
3.1.2.1 As nominalizações.....	74
3.1.2.2 As pronominalizações.....	81
3.2 Construindo sentidos para os contos.....	83
3.2.1 Os laços de família.....	83
3.2.2 Feliz aniversário.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ANEXOS.....	98
Texto 1.....	99
Texto 2.....	106

Sê humilde para evitar o orgulho, mas
voa alto para alcançar a sabedoria.

(Santo Agostinho)

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre a dificuldade dos alunos brasileiros em relação à leitura. Observa-se que há, nos ensinos fundamental e médio, uma parcela significativa de estudantes que não consegue construir sentidos adequadamente nos textos que lê. O professor, por sua vez, traz para a sala de aula atividades que, de modo geral, não colaboram para a mudança desse quadro.

As estatísticas comprovam tal dificuldade: o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), por exemplo, é um teste avaliativo que verifica, em vários países, o domínio de conhecimentos básicos de estudantes com idade de quinze anos, observando sua capacidade de analisar, raciocinar e refletir criticamente sobre seus conhecimentos e experiências, especialmente relacionados à leitura de textos escritos e ao domínio da matemática. Em síntese, os principais objetivos do PISA são: verificar como as escolas estão preparando seus alunos para os desafios futuros e detectar, até que ponto, os estudantes adquirem conhecimentos e desenvolvem habilidades para a participação efetiva na sociedade.

Para avaliar o grau de letramento, o PISA propõe aos alunos a realização de diversas tarefas, não apenas com textos em prosa, mas também textos pertencentes a gêneros variados como listas, formulários, gráficos e diagramas, uma vez que esses indivíduos se depararão com uma série de formas escritas na vida adulta. Em 2003, os estudantes brasileiros selecionados para realizar esse teste obtiveram uma nota média de 396 pontos numa escala de 800, ficando na 37ª posição na prova de leitura. O Brasil ficou à frente apenas de quatro nações: Macedônia, Indonésia, Albânia e Peru.

Nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, desenvolvidos pela Secretaria de Educação Fundamental (BRASIL, 1998), enfatizam que o educando deve desenvolver sua competência leitora,

sendo capaz de interpretar, de forma satisfatória, textos dos mais variados gêneros. De acordo com essas diretrizes, o professor deve fundamentar suas aulas de Língua Portuguesa em uma concepção interacional de língua, na qual os sentidos são construídos na interação autor/texto/leitor. O texto é, então, um lugar de interação entre sujeitos sociais.

O referido documento orienta que, no tocante ao ensino de Língua Portuguesa, entre outros fatores, é preciso dar ao aluno condições de ampliar o domínio da língua e da linguagem. Assim, propõe que a escola organize o ensino de modo que o educando possa desenvolver seus conhecimentos lingüísticos e discursivos, sendo capaz de:

- ✓ ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais;
- ✓ expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato;
- ✓ refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade lingüística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua.

(BRASIL,1998, p. 59)

Entendemos que o processo de referenciação pode subsidiar a tarefa do aluno-leitor em aulas de leitura, uma vez que o uso das estratégias de referenciação facilita a construção de sentidos do texto, permitindo ao leitor formar cadeias de sentido e entender o texto como um todo, um elemento comunicativo. Ao construir sentidos no texto por meio das estratégias de referenciação, o aprendiz seria um participante ativo no ato de ler.

Da reflexão sobre tais afirmações e da nossa experiência como professora de Língua Portuguesa, na 8ª série do Ensino Fundamental, surgiu o interesse em aprofundar nossos conhecimentos sobre leitura, especificamente a leitura de textos literários, e sobre o processo de referenciação presente nesses textos. Por meio de tais estratégias, acreditamos que o aluno poderá construir

sentidos adequados nos textos que lê, desenvolvendo, certamente, uma leitura mais significativa.

Para orientar este trabalho, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa:

- como o processo de referenciação pode auxiliar o leitor na construção de sentidos do texto literário?;
- quais estratégias de referenciação podem ser encontradas nesse tipo de texto?

Ao respondermos tais questionamentos, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir para o aprimoramento das aulas de leitura voltadas para alunos da 8ª série do Ensino Fundamental.

Como objetivos específicos, pretendemos:

- verificar como se dá a ocorrência das estratégias de referenciação nos contos *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, de Clarice Lispector;
- refletir sobre como o processo de referenciação pode auxiliar o leitor na construção de sentidos do conto literário.

Para alcançarmos tais objetivos, foram adotados os seguintes procedimentos:

- revisão da literatura sobre o processo de referenciação, bem como sobre a relevância desse processo para a construção de sentidos do texto literário;
- estabelecimento das categorias de análise que serão observadas no *corpus* de nossa pesquisa;
- verificação do uso das estratégias de referenciação nos contos selecionados;

- análise das nominalizações que categorizam e recategorizam os objetos-de-discurso à medida que o texto progride;
- verificação da escolha dos nomes-núcleo nas nominalizações bem como de sua relevância para a argumentatividade nos contos selecionados;
- apresentação de uma proposta de construção de sentidos para os contos selecionados com base nas análises.

Os contos escolhidos para compor o *corpus* de nossa pesquisa foram: *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, ambos de Clarice Lispector. Escolhemos esses contos por julgarmos serem adequados aos nossos propósitos, visto que o texto literário permite uma leitura mais aberta às interpretações e ao posicionamento do leitor, entendido aqui como um sujeito participante na construção de sentidos do texto.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, estabeleceremos uma diferenciação entre os conceitos de referência e de referenciação, baseada nas idéias de Koch (2004a), Koch e Marcuschi (1998), Koch e Elias (2006), Mondada e Dubois (1995), entre outros, tendo em vista que, por se tratar de um processo, a referenciação colabora para a construção de sentidos do texto. Em seguida, trataremos de apresentar algumas estratégias de referenciação, pontuando-as segundo a ótica de Apothéoz & Reichler-Béguelin (1995).

No segundo capítulo, traçaremos um breve histórico do conto, desde as primeiras narrativas entendidas como conto, até o conto literário moderno. Autores como Moisés (1967) e Gotlib (1988) subsidiarão este trabalho. Na seqüência, trataremos da estrutura do conto, tal como nos propõe Propp (1983). Apresentaremos, também, as especificidades do conto literário, bem como as características mais relevantes da produção contística de Clarice Lispector, com base em autores como Moisés (1967), Gotlib (1988, 1995) e Abdala Júnior e Campedelli (1986).

No terceiro capítulo, analisaremos de que maneira as estratégias de referenciação, em especial as nominalizações e pronominalizações, concorrem para a construção e recategorização de objetos-de-discurso nos contos de Clarice Lispector – *Os laços de família* e *Feliz aniversário* –, garantindo, assim, a progressão referencial e a adequada construção de sentidos. A argumentatividade expressa no processo de referenciação será igualmente analisada, pois entendemos que as escolhas feitas no momento da produção textual são indicadoras de determinados posicionamentos e, como tais, colaboram para a adequada interpretação do texto.

Não pretendemos, com este trabalho, esgotar as possibilidades de análise do conto no que diz respeito às nominalizações, mas, sim, apresentar algumas contribuições que permitam aos leitores construir sentidos nos textos lidos.

Do mundo da leitura à leitura do mundo,
o trajeto se cumpre sempre...

(Marisa Lajolo)

CAPÍTULO I - O processo de referenciação

Neste capítulo estabeleceremos, inicialmente, uma diferenciação entre os conceitos de referência e de referenciação, considerando o segundo conceito como uma forma ampliada do primeiro, uma vez que a referenciação se caracteriza como um processo de construção de sentidos ao longo do texto, tal como nos propõem Mondada e Dubois (1995, 2003), Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995), entre outros.

A seguir, apresentaremos algumas estratégias de referenciação, entre elas as nominalizações, que, posteriormente, serão utilizadas na análise do *corpus* de nosso trabalho, sob a ótica de Koch (2004a, 2002a), Cavalcante (2004, 2003, 2001), Conte (2003), Francis (2003), entre outros. Trataremos, também, da questão da argumentatividade expressa por meio da escolha dos nomes-núcleo nas nominalizações e, por fim, abordaremos a questão da construção de sentidos em textos escritos.

1.1 Da referência ao processo de referenciação

A Lingüística Textual percorreu um longo caminho até chegar à atual concepção sociocognitivo-interacional da linguagem, na qual a base da atividade lingüística está na interação entre interlocutores em um dado evento comunicativo. Nessa perspectiva, a Lingüística passa a ter como principais objetos de estudo as questões de significação e de linguagem, ou seja, as relações entre a linguagem e a representação do mundo (KOCH, 2004a).

Se, durante o período dos estudos estruturalistas, a língua era concebida como um sistema estrutural de codificação e decodificação de signos, em que o mundo poderia ser representado de forma definitiva, hoje já sabemos que tal concepção não é verdadeira. Segundo Marcuschi (2004, p. 263), *não se pode*

imaginar que a língua seja um simples, acabado e eficiente instrumento a priori para representar um mundo que tampouco está aí pronto, discreto e mobiliado.

O autor assinala, ainda, que a forma como a questão da representação do mundo ou da realidade é contemplada deve ser substituída, passando da idéia de relação para a de ação. Trata-se de uma perspectiva sociocognitiva, que não postula nem uma relação natural nem convencional, mas uma relação instável, social, histórica e negociada entre a linguagem e o mundo ou a realidade. Tal ação é exercida pelos sujeitos atuantes na interação verbal, capazes de construir e negociar versões/representações do mundo.

Na mesma direção da proposta de mudança adotada por Marcuschi, Borges Neto (2003) assevera que o significado não deve ser entendido como uma entidade, e sim como uma relação. Tal relação não se estabelece propriamente entre um item lexical e um objeto do mundo, mas entre uma *expressão lingüística* e algo *não-lingüístico*.

Tendo em vista essa relação de ação entre os sujeitos da interação verbal, adotamos com Mondada e Dubois (2003) a concepção de língua que vislumbra tais sujeitos da comunicação como construtores de visões públicas do mundo, que utilizam práticas cognitivas e discursivas social e culturalmente situadas. Portanto, não há uma língua pronta, esperando para representar o mundo, e esse, por sua vez, não está pronto esperando que a língua o nomeie. Para as autoras, a discretização do mundo ocorre, pois, pelo diálogo e no comum acordo entre os interlocutores e não unilateralmente.

Pensando na comunicação lingüística, Ducrot (1987) observa que, uma vez que a linguagem tem por objeto, a realidade extralingüística, os locutores devem ser capazes de designar os objetos que a constituem. Devem, então, lançar mão da função referencial da linguagem, na qual os objetos designados por uma expressão formam seu referente. Todavia, tal realidade não é, necessariamente, a

realidade, o mundo – é preciso esclarecer que o que se entende por realidade não passa de nossa percepção cultural.

Nesse sentido, é a percepção/cognição que transforma o “real” em referente. Coseriu (1977) afirma ser inútil tentar interpretar as estruturas lingüísticas como estruturas “objetivas” da realidade. Assim, é preciso compreender que essas estruturas não estão na realidade, mas são impostas à realidade pela interpretação humana.

Entendemos que o posicionamento de Coseriu vai ao encontro das idéias já ressaltadas por Saussure (s/d)¹, que postula não ser o objeto precedente do ponto de vista, mas o ponto de vista responsável pela criação do objeto. O ponto de vista corresponde à noção de percepção/interpretação, enquanto o objeto coincide com o referente “fabricado”.

O uso da linguagem não se limita, então, à produção e compreensão de sentenças significativas por uma determinada comunidade de falantes. Na verdade, a linguagem constitui-se de atividades coletivas, nas quais os falantes desenvolvem ações por meio das quais significam coisas, e seus pares, por seu turno, coordenam a tentativa de compreender o que eles querem dizer.

Sob a luz dessa perspectiva, interacionalmente situada na cognição social, admitimos que os referentes surgem da inter-relação entre as práticas sociais e a língua, por meio dos quais percebemos a realidade. Isto é, os referentes não correspondem diretamente às entidades existentes na realidade; eles são construções mentais realizadas no discurso, sendo antes “objetos-de-discurso” (APOTHÉLOZ e CHANET, 1997). Dito de outra forma, os objetos de discurso transformam-se a partir de contextos, não sendo nem dados nem preexistentes, mas elaborados ao longo das atividades discursivas dos sujeitos. Nesse sentido, as expressões referenciais criam uma representação mental das entidades

¹ Ressaltamos que não consta a data da edição brasileira da obra de Saussure.

referidas, ligando-se aos conhecimentos de mundo culturalmente compartilhados pelos interlocutores e, então, completam-se.

Corroborando essa idéia, Cavalcante (2003), explica que o referente não está no mundo, nem no texto, nem preestabelecido na mente dos interlocutores. Ele é uma representação, uma imagem que se constrói *no* e *pelo* discurso, e nele pode ser introduzido, ativado e/ou reativado ao longo do discurso.

Os referentes podem ser apontados por diferentes tipos de expressões referenciais no texto, como por exemplo:

- a) nomes próprios;
- b) pronomes demonstrativos, possessivos ou indefinidos;
- c) grupos nominais com artigo definido ou indefinido;
- d) grupos nominais modificados por advérbio ou por expressões que indiquem ordenação;
- e) elipses de pronomes ou de grupos nominais.

Uma vez que admitimos serem os referentes fabricados pela prática social, faz-se necessário refletir sobre a referenciação. Nosso trabalho defende o pressuposto de que a referenciação consiste numa forma mais ampliada do conceito de referência, sendo entendida como um processo ao longo do qual construímos sentidos. A referenciação, objeto de nosso estudo, caracteriza-se como uma atividade sociocognitivo-discursiva (KOCH, 2000, 2004b; KOCH & MARCUSCHI, 1998), o que implica, como dissemos, uma visão não-referencial da língua e da linguagem.

Mondada e Dubois (2003) postulam que há uma relação de instabilidade entre as palavras e as coisas, isto é, os objetos de discurso não são estáticos e, uma vez introduzidos no discurso, podem ser modificados, desativados, reativados, transformados, construindo novos sentidos ao longo da progressão textual.

Da necessidade de nomear as coisas decorre a formação de categorias que está relacionada ao processo de referenciação, já que é por meio de categorias que os sujeitos se referem ao mundo (MONDADA e DUBOIS, 2003). Em outras palavras, quando nos referimos a alguém como um judeu, um ateu, um político corrupto, por exemplo, estamos utilizando categorias, por meio das quais estabelecemos um sentido que subjaz a essa categoria.

As categorias não são estáticas, pois podem admitir sentidos diversos. Mondada e Dubois (2003) acrescentam, ainda, que tal dinamicidade está ligada às suas ocorrências, uma vez que está situada em práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas; práticas do sujeito ou de interações em que locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo.

Do ponto de vista lingüístico, as autoras acrescentam que quando um contexto lingüístico é reenquadrado, isto é, visto sob outro ponto de vista, as categorias podem ser reavaliadas e transformadas. A variação e a concorrência categorial emergem quando uma cena é vista sob diferentes perspectivas, que implicam diferentes categorizações da situação, dos atores e dos fatos. Desse modo, a mesma cena pode ser vista de formas diversas e pode evoluir, focalizando diferentes partes ou aspectos.

Em síntese, as categorias não são evidentes e nem dadas definitivamente. Elas são o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos (MONDADA e DUBOIS, 2003). Geralmente, essa instabilidade caracteriza o modo normal e corriqueiro de entender, descrever e compreender o mundo.

No decorrer do processo de referenciação, o locutor pode precisar sua referência, como se enumerasse os candidatos lexicais possíveis na busca da melhor adequação para relacionar o que tenta dizer sobre o referente. As

categorias usadas para descrever o mundo alteram-se sincrônica e diacronicamente, de acordo com as decisões que se colocam aos atores sociais, à medida que se referem uns aos outros, categorizando-se.

Assim, a referenciação não deve ser entendida como simples representação extensional de referentes do mundo extramental. Tal processo constitui uma atividade discursiva na qual o sujeito efetua escolhas significativas no material lingüístico disponível, tendo em vista atingir sua proposta de sentido. Isto é, os processos de referenciação constituem escolhas do sujeito em função do que ele intenciona dizer (KOCH, 1999, 2002a).

Nessa mesma direção, Apothéoz & Reichler-Béguelin (1995, p. 266) argumentam que:

O enunciador, em função de fatores intra – ou extradiscursivos, pode sempre decidir pela homologação, ou não, por meio de suas escolhas lexicais, de uma transformação ou mudança de estado constatada ou predicada. Simetricamente, ele pode também alterar a categorização de um objeto independentemente de toda e qualquer transformação asseverada a respeito deste.

Se, para os estudiosos estruturalistas, a referenciação se limitava a anáforas com referentes expressos no texto, hoje já sabemos que podem aparecer referentes que não estão no texto, referências indiretas sugeridas pelo texto ou pelo contexto. Não raro, um mesmo referente é citado mais de uma vez ao longo do texto, levando o enunciador a utilizar expressões referenciais para retomar esse referente. É preciso perceber que o texto fornece “pistas” sobre onde o destinatário poderá localizar o referente.

Sendo assim, os referentes podem ser representados por uma expressão referencial no co-texto, situados ou até pressupostos no cenário no momento da comunicação, ou, ainda, podem estar estabelecidos na memória comum dos participantes, ou em mais de um desses espaços.

A referência, compreendida como processo de referenciação, não se realiza com o simples uso de expressões referenciais; ela vai muito além disso, uma vez que o referente se cria a partir de um conjunto de ações, do modo como os interlocutores organizam suas ações e pelo modo como constroem os sentidos em seu evento comunicativo. Nessa ótica, a referenciação é entendida como o movimento, prospectivo ou retrospectivo, pelo qual apontamos para outros elementos do texto.

Neste trabalho, adotamos uma concepção construtivista, na qual a referenciação é considerada como um processo no qual realizamos uma atividade discursiva quando usamos uma expressão lingüística ou quando criamos uma situação referencial para designar, sugerir ou representar algo. Dentro dessa concepção, os referentes textuais não são entendidos como objetos do mundo, mas sim como objetos-de-discurso (KOCH, 2002a; KOCH e MARCUSCHI, 1998).

As expressões referenciais que retomam referentes representados no contexto por outras expressões referenciais são denominadas expressões nominais anafóricas. A interpretação de uma expressão referencial anafórica, nominal ou pronominal vai além da localização de um antecedente no texto ou um objeto no mundo; trata-se de buscar um tipo de informação anteriormente introduzida na memória discursiva (KOCH, 2004a).

À luz dessa perspectiva sociocognitivo-interacionista, Mondada e Dubois (1995) propõem a substituição da noção de referência pela de referenciação, sendo esta última uma noção mais ampliada que a primeira, visto que se trata de um processo no qual os interlocutores elaboram objetos-de-discurso compreendidos como entidades produzidas interativa e discursivamente pelos participantes da enunciação. Tais objetos caracterizam-se pelo fato de construírem gradativamente uma configuração, podendo completar-se com novos aspectos anteriores, ignorar outros aspectos possíveis; associar-se com outros objetos, integrando-se em novas configurações e dando origem a novos objetos. Pode-se afirmar, então, que eles se completam discursivamente.

Assim, entendemos que o processamento do discurso é estratégico, já que se realiza por sujeitos sociais atuantes, o que implica escolhas significativas por parte dos interlocutores, atendendo às necessidades da interação.

1.2 As estratégias de referenciação

As estratégias de referenciação constituem-se das operações efetuadas pelos interlocutores, tendo em vista uma proposta comunicativa. Koch (2004a) ressalta a introdução, também chamada de ativação ou construção, a reconstrução e a desativação como estratégias de referenciação, destacando suas funções no desenvolvimento de um discurso.

A construção ou ativação é a estratégia pela qual um “objeto” textual ainda não mencionado no texto/discurso é introduzido, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo) na rede conceitual do modelo de mundo textual: a expressão lingüística pela qual ele é representado é colocada em foco na memória de trabalho, de modo que o objeto em questão é ressaltado no modelo. Koch (2004a) distingue dois tipos de processos de construção de referentes no modelo textual, cujos termos, cunhados por Prince, a autora traduziu livremente: a ativação “ancorada” e a “não-ancorada”.

A ativação/introdução ancorada ocorre quando um objeto-de-discurso novo é introduzido no modelo textual, sob o modo de dado, constituindo-se de algum tipo de associação com elementos do co-texto ou do contexto sociocognitivo, podendo se estabelecer por associação e/ou inferenciação. As anáforas associativas e as anáforas indiretas constituem casos de ativação ancorada.

A introdução será não-ancorada quando um objeto-de-discurso totalmente novo for introduzido no texto, passando, então, a fazer parte da memória do interlocutor, melhor dizendo, passando a ter um “endereço cognitivo” nessa memória.

De acordo com Koch (2002a), a anáfora associativa explora relações meronímicas, a saber, todas aquelas nas quais entram a noção de ingrediência. Incluem-se, nesse caso, não apenas as associações metonímicas, como também todos aqueles casos em que um elemento pode ser considerado “ingrediente” do outro. No caso das anáforas indiretas *não* existe no co-texto um antecedente explícito e pontual, *mas* sim um elemento, denominado “âncora”, do qual a interpretação depende.

As nominalizações² (ou rotulações) constituem casos de introdução/ativação ancorada de objetos-de-discurso. Esse ponto de vista fundamenta-se na concepção de que tal estratégia é uma operação discursiva, consistindo em referir, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado significado por uma proposição que, segundo Apothéoz & Reichler-Béguelin (1995), anteriormente não tinha estatuto de entidade.

Para Francis (2003), o rótulo caracteriza-se, principalmente, pela exigência de realização lexical, ou lexicalização, em seu contexto, sendo um elemento nominal inerentemente não-específico, cujo significado específico no discurso deve ser precisamente decifrado. Eles podem ser retrospectivos (*retrospective label*) ou prospectivos (*advanced label*), ou seja, podem sumarizar informação precedente ou subsequente ou, ainda, desempenhar funções preditiva e organizadora, respectivamente. No trecho que segue, destacamos em negrito o rótulo prospectivo:

Em resposta a esta indagação, um colega meu, jogador de golfe, apresentou **duas razões**:

A primeira foi que os iniciantes normalmente começam com tacos que foram herdados de outras pessoas, que são, em geral, destros. A segunda foi que, por motivos técnicos, pessoas canhotas tornam-se bons jogadores de golfe com a mão direita.

(FRANCIS, 2003, p. 193)

² Segundo Cavalcante (2001), o termo “nominalisation” também pode ser traduzido como nomeação.

No que se refere à identificação de um grupo nominal anaforicamente coesivo como um rótulo retrospectivo, Francis (2003) assinala que não há nenhum grupo nominal particular a que ele se refira, não se constituindo, portanto, em uma repetição nem em um sinônimo de nenhum elemento precedente, indicando exatamente como esta extensão do discurso deve ser interpretada. Assim, ele é apresentado como um equivalente à oração ou às orações que ele substitui, indicando ao leitor como esta porção do discurso deve ser interpretada, resumindo-a.

Por sua vez, a estratégia de reconstrução (ou reativação) ocorre quando um nóculo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso continua em foco. Em outras palavras, a reconstrução/reativação é a operação

responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. Pelo fato de o objeto encontrar-se ativado no modelo textual, ela pode realizar-se por meio de recursos de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos etc.) bem como por intermédio de recursos de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais etc.).

(KOCH, 2004a, p. 67)

Tendo em vista que a reconstrução é a estratégia responsável pela progressão do texto, Koch (2004a) destaca três formas de referenciação textual:

- a) uso de pronomes ou outras formas de valor pronominal;
- b) uso de expressões nominais definidas;
- c) uso de expressões nominais indefinidas.

A pronominalização (anafórica ou catafórica) ocorre quando a referenciação é realizada pelo uso de formas pronominais. Segundo Milner

(2003), a anáfora pronominal consiste na retomada entre dois termos heterogêneos, sendo um autônomo, outro não-autônomo (o pronome). O autor assevera, ainda, que, nesses casos, o pronome retira sua referência do nome anaforizado.

A referenciação textual também ocorre pela utilização de expressões ou formas nominais definidas, constituindo uma possibilidade para (re)ativar referentes, ou seja, descrições definidas do referente (KOCH, 2005b). A autora acrescenta, ainda, que o uso de tais expressões implica sempre a escolha entre as propriedades ou qualidades que caracterizam o referente, a qual se realizará de acordo com a situação de interação, em função dos propósitos a serem atingidos, ou seja, do interesse do produtor em ressaltar alguma informação.

A escolha de determinada descrição definida auxilia o leitor/ouvinte a construir sentidos no texto, visto que acrescenta informações importantes sobre os pontos de vista, crenças e atitudes do produtor do texto (Koch, 2005b). O uso de uma descrição definida pode também dar a conhecer ao interlocutor fatos relativos ao referente que o produtor julga desconhecidos do parceiro, ou, ainda categorizar, classificar, resumir a informação apresentada anteriormente.

A catáfora pronominal, por sua vez, realiza-se preferencialmente pelo uso de pronomes demonstrativos ou indefinidos neutros (isto, isso, aquilo, tudo) ou de nomes genéricos. Numerais, advérbios pronominais e outros tipos de pronomes podem igualmente constituir remissões catafóricas (KOCH, 2005b). Devido à natureza linear do discurso, a catáfora implica uma interpretação antecipada do que será produzido no enunciado. O fragmento que segue, por nós selecionado, ilustra essa antecipação:

Diante da firmeza com que os militares agiram, o presidente Lula voltou atrás em **tudo**: autorizou prisões em nova rebelião, cancelou os aumentos salariais e não editou a medida provisória prevendo a desmilitarização do setor aéreo.

(Veja, 11/04/07, p. 60 – grifo nosso)

Como podemos observar, o pronome *tudo* permite ao leitor conhecer previamente a informação que virá a seguir (autorizações de prisão, cancelamentos de aumentos salariais etc), orientando, assim, a construção do sentido que esse elaborará do enunciado.

Por vezes, a ativação/reactivação de referentes pode se dar a partir de “pistas” expressas no texto, ou seja, por inferenciação. É possível inferir o todo partindo-se de alguma pista das partes; um conjunto a partir de um subconjunto; enfim, conhecimentos pertencentes a um mesmo *frame ou script*³, tomando-se como ponto de partida elementos explícitos na superfície textual (KOCH, 2005b).

No exemplo a seguir, o significado do pronome *eles* pode ser compreendido levando-se em conta o conhecimento do leitor sobre o termo anterior ao qual o pronome se refere. Dessa forma, o pronome *eles* anaforiza a porção anterior do texto (*cão policial*).

Jorge foi atacado pelo enorme cão policial. **Eles** são realmente animais muito perigosos.

(KOCH, 2005b, p. 41)

A relação de anáfora entre duas unidades ocorre quando a interpretação de uma delas depende crucialmente da existência da outra. No trecho a seguir, Maingueneau (2001, p. 196) exemplifica a questão da anáfora, destacando o termo que anaforiza (retoma) e o anaforizado (o antecedente).

Os levantamentos serão efetuados nas datas indicadas em cada fatura. **Eles** só valerão após o prazo de 20 dias corridos.

³ van Dijk chama de *frames* ou *scripts* as estruturas mentais partilhadas pelos membros de um grupo, isto é, os modelos sociognitivos envolvidos na produção e compreensão de objetos sociais.

Observamos no exemplo acima que só é possível interpretar o sentido do termo *eles* se retomarmos uma porção antecedente do texto para chegarmos ao termo ao qual o pronome se refere, no caso, o antecedente *os levantamentos*.

As expressões nominais anafóricas realizam, na maioria dos casos, a recategorização dos objetos de discurso, isto é, os objetos vão sendo reconstruídos de acordo com as escolhas dos sujeitos da enunciação, não se tratando, pois, de referentes definidos previamente.

Por fim, a estratégia de desativação (ou desfocalização) ocorre, segundo Koch (2004a), quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. Contudo, o objeto retirado de foco permanece em estado de ativação parcial, podendo voltar a foco a qualquer momento e ser utilizado imediatamente na memória dos interlocutores.

No trecho que segue, exemplificamos o uso das estratégias de referenciação. Inicialmente ocorre a introdução do referente por meio da nominalização *o açaí* que, a seguir, é retomado pela expressão anafórica *essa fruta de origem amazônica*, que além de se referir ao termo já introduzido (o açaí), acrescenta uma informação a ele, expandindo-o. Na seqüência, esse referente é desativado (podendo ser acionado quando se fizer necessário) e um novo referente é introduzido no discurso: *a Anheuser-Busch*.

“O açaí é uma pequena fruta roxa de gosto amargo com mais caroço do que polpa. Com essas credenciais, parecia natural que seu consumo se limitasse às populações ribeirinhas da Amazônia (...). No entanto, reembalada em um esforço de marketing, **essa fruta de origem amazônica** está se tornando a nova sensação de consumo nos Estados Unidos (...). **A Anheuser-Busch**, a segunda maior fabricante de bebidas do mundo, acaba de lançar um energético do açaí...”

(Veja, 11/04/07, p. 102 – grifos nossos)

Por meio da repetição constante dessas estratégias estabiliza-se, por um lado, o modelo textual. Porém, tal modelo é continuamente reelaborado e

modificado por novas referências. Assim, os nódulos cognitivos, também chamados de "endereços", podem ser atualizados, modificados ou expandidos, ocorrendo, ao longo do processo de compreensão, novas categorizações e/ou avaliações sobre o referente (KOCH, 2004a).

Em síntese, entendemos que a seleção/utilização dos recursos referenciais não é aleatória, uma vez que atende aos propósitos discursivos do enunciador em determinada situação comunicativa.

1.3 Nominalizações, nomes-núcleo e argumentatividade

As nominalizações caracterizam-se como expressões típicas do processo discursivo de referência, pois criam objetos-de-discurso que alimentam a memória discursiva dos interlocutores. As expressões nominais serão utilizadas na análise de *corpus* no capítulo 3, visto que desempenham inúmeras funções cognitivo-discursivas de extrema relevância na construção dos sentidos do texto.

As descrições nominais são empregadas com função de (re)categorização do referente, implicando sempre uma escolha na multiplicidade de formas de caracterizá-lo, e tal escolha será realizada de acordo com a intenção comunicativa do produtor do texto. Koch (2005a) explica que, em geral, trata-se da ativação, entre os conhecimentos culturalmente partilhados, de características ou traços do referente que devem levar o interlocutor a construir determinada imagem, os quais podem auxiliá-lo na construção de sentido.

Dessa forma, as expressões nominais desempenham dupla função no objeto-de-discurso em foco: uma mudança de nível do referente ao longo do texto, atendendo ao propósito comunicativo do falante/escrevente e uma condensação da informação, denominada *sumarização*.

Apesar de os sintagmas nominais poderem ser acompanhados tanto de demonstrativos quanto de definidos, estudos indicam uma nítida propensão para

uma determinação demonstrativa. Além disso, as nomeações definidas podem quase sempre ser substituídas por uma demonstrativa, ao passo que o inverso não é verdadeiro.

Entre os fatores que favorecem o uso do demonstrativo, encontram-se os casos em que o substantivo predicador escolhido opera uma recategorização mais ou menos metafórica do processo ou comporta uma conotação axiológica evidente no sentido. Em linhas gerais, prevalece a escolha pelo demonstrativo quando o substantivo escolhido requalifica de maneira pouco predizível seu objeto (APOTHÉLOZ & CHANET, 2003).

Também favorecem o uso de uma determinação demonstrativa as expressões nas quais o substantivo predicador é qualificado por meio de uma expressão não-determinativa (adjetivo ou complemento nominal), isto é, não pertinente para a identificação do referente.

Alguns fatores, porém, favorecem o uso de determinante definido nas descrições nominais. Entre eles, Apothéloz & Chanet (2003) destacam:

- a) os casos nos quais a situação em que o lexema escolhido como substantivo predicador é um derivado morfológico do verbo que aparece na proposição nomeada;
- b) os casos em que o objeto identificado pelo anafórico é uma enunciação compreendida por um de seus atributos, particularmente por seu valor de ação.

As descrições nominais definidas podem ser consideradas como expressões típicas do processo discursivo de referenciação, tendo também, segundo Koch (2004b), a função de remeter a elementos presentes no co-texto ou de fácil compreensão a partir de outros elementos presentes nele.

Ainda no tocante à relevância das nominalizações no processo de referenciação, Olímpio (2005, p. 01) assevera que

as nominalizações talvez constituam o fenômeno anafórico que mais deixa à mostra, no texto escrito, os bastidores da construção de objetos de discurso pela atividade referencial. Com efeito, quando um sintagma nominal transforma em referente o processo denotado por uma proposição, que, obviamente, não tinha esse estatuto anteriormente, testemunha-se claramente a operação discursiva de referenciação. Não é à toa que a própria denominação de processo – *nominalização* – indica ... um processo.

As expressões nominais ou nominalizações constituem *rotulações* resultantes de encapsulamentos operados sobre predicções antecedentes ou subseqüentes, chamados, respectivamente, de anafóricos e catafóricos. Segundo Apothéloz & Chanet (1997), isso equivale a dizer que ocorre a introdução de um novo objeto-de-discurso, encapsulando a informação difusa.

Koch (2004a) assinala que essas remissões realizadas pelo uso de nominalizações constituem anáforas complexas, que não nomeiam um referente específico, mas referentes textuais abstratos, em geral genéricos e inespecíficos (estado, fato, fenômeno, circunstância, condição etc.) Assim, os nomes-núcleo, ao serem empregados, prescindem de uma realização lexical no contexto, exigindo do leitor/ouvinte não apenas a capacidade de interpretação da expressão propriamente dita, mas também de informação co-textual.

No que concerne aos encapsulamentos anafóricos, Conte (2003, p. 177) afirma que eles *constituem um recurso coesivo por meio do qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto*. O encapsulamento anafórico muito freqüentemente ocorre no ponto inicial de um parágrafo, funcionando, então, como um princípio organizador da estrutura discursiva. A autora acrescenta que essa função de estruturação e organização do texto aproxima os encapsuladores anafóricos dos conectivos textuais.

Assim, as expressões nominais referenciais podem funcionar como formas de remissão a elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos no co-texto precedente, possibilitando sua (re)ativação na memória do interlocutor, ou seja, a alocação ou focalização na memória operacional deste. Por outro lado, uma vez que operam uma refocalização da informação co-textual, tais expressões têm, ao mesmo tempo, função predicativa. Trata-se, pois, de formas híbridas, simultaneamente referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras tanto de informação nova quanto de informação dada ou inferível. Essas formas anafóricas podem ser, segundo Koch (2004b), de dois tipos:

- a) as que apenas rotulam um segmento do texto, transformando-o em objeto-de-discurso, possibilitando, assim, a progressão textual,
- b) as que realizam operações de nominalização por meio de nomes deverbais ou não. Esse segundo grupo consiste em rotulações resultantes de encapsulamentos operados sobre predicções antecedentes ou subseqüentes, ou seja, sobre processos e seus actantes, os quais passam a ser representados como *objetos-de-acontecimento* na memória discursiva dos interlocutores.

As rotulações carregam, na maioria dos casos, força argumentativa, ou seja, são rótulos avaliativos, com valor persuasivo, freqüentemente metafóricos, usados para construir o objeto-de-discurso tendo o poder de orientar o interlocutor para determinadas conclusões (KOCH, 2002b, 2004a).

Outro tipo de rotulação é aquele em que não se opera a sumarização do conteúdo de um segmento textual precedente, mas focaliza-se a atividade enunciativa propriamente dita, qualificando esse segmento como um tipo de ação ou atividade metadiscursiva (KOCH e ELIAS, 2006). Não há, nesse caso, uma retomada, nem co-referencialidade, já que se opera um desdobramento, sendo o próprio discurso retomado como seu objeto.

A escolha de expressões metalingüísticas e metadiscursivas, entre as várias opções possíveis, constitui um indicador da opinião do locutor, não apenas no tocante ao discurso que está sendo rotulado, como também a respeito do próprio enunciador desse discurso.

As formas nominais remissivas desempenham importante papel organizacional no texto, sinalizando que o autor do texto está passando a um estágio seguinte de sua argumentação, por meio do fechamento do anterior, pelo seu encapsulamento em uma forma nominal. As formas nominais remissivas cumprem, portanto, importante função na introdução, mudança ou desvio de tópico, bem como na ligação entre tópicos e subtópicos, isto é, elas alocam a informação nova dentro do quadro da informação dada. Assim, tais formas nominais são responsáveis pelos dois grandes movimentos de construção textual: retroação e progressão (KOCH, 2004a; KOCH e ELIAS, 2006).

Dessa forma, uma função comum desempenhada pelas expressões referenciais é a marcação de parágrafos (no sentido cognitivo, e não tipográfico), incrementando, dessa forma, a estruturação do produto textual. Como ponto de início de um novo parágrafo, o encapsulamento anafórico se caracteriza como um subtítulo que funciona como interpretação do parágrafo precedente e como ponto de início de um outro, concomitantemente (CONTE, 2003). A autora acrescenta, ainda, que a escolha de uma determinação anafórica pode ser baseada na exigência da norma, a qual proscree a repetição à curta distância de uma mesma palavra, em especial, na escrita.

Anáforas nominais introduzidas por demonstrativos comumente apreendem o referente sob uma denominação que constitui um sinônimo mais ou menos aproximado da designação presente no co-texto, trazendo informações novas a respeito do objeto-de-discurso, designando-o com um novo nome que seria difícil para o destinatário prever (KOCH, 2004a). É possível também

introduzir novas informações ao referente pela utilização de uma anáfora nominal (definida ou indefinida), visando a caracterizá-lo.

A escolha do léxico ao longo do processo de referenciação consiste, segundo Koch (2005a), numa atividade seletiva motivada por um projeto de sentido polifônico, responsável por imprimir ao texto uma orientação de cunho argumentativo. Assim, a construção/reconstrução de objetos-de-discurso por meio de expressões nominais aciona operações de seleção lexical bastante relevantes para a construção de sentidos do texto. A autora assevera, ainda, que as expressões nominais permitem ao leitor/ouvinte construir um “roteiro” que o orientará para determinados sentidos no texto.

A seleção do nome-núcleo e/ou de seus modificadores também desempenha papel fundamental na orientação argumentativa do texto. O nome-núcleo, ainda que genérico, especialmente nas nominalizações (mas também nas rotulações de seqüências anteriores), é dotado de carga avaliativa, conforme o exemplo que segue (KOCH, 2002b).

O escândalo ocorreu uma semana depois da mais recente ação ostensiva de apreensão de máquinas em Belo Horizonte (...)

(Isto é, 06/09/2000)

A orientação argumentativa pode igualmente ser expressa pela utilização de um nome-núcleo metafórico ou metonímico. A construção/reconstrução de objetos-de-discurso por meio do uso de expressões nominais aciona, segundo Koch (2002b), operações de escolha lexical de grande importância para a construção dos sentidos do texto. No texto a seguir, de Inácio de Loyola Brandão, a autora exemplifica que um objeto-de-discurso pode construir-se metonimicamente, no caso, o Fusquinha se mostra ao leitor gradativamente, até construir-se por completo.

Estávamos todos, aqui da vizinhança, acostumados a vê-lo, parado em frente à casa dos gatos.
Eu o conhecia havia quatro anos.
Quieto, acabrunhado, um farol arrebetado, a pintura que foi gelo adquirindo cor macilenta. Estilhaços de ferrugem. Os pneus duraram algum tempo, murcharam carecas. Os cromados cheios de pontos negros.
Mas os vidros, misteriosamente intactos.
O *Fusquinha* acabou uma espécie de mascote (...)

(Agora há um vazio na rua, In: Koch, 2002b, p. 17)

O exemplo acima demonstra que o objeto-de-discurso *Fusquinha* vai sendo construído por meio da metonímia, ou seja, construído gradativamente, como vemos pela escolha dos termos *farol*, *pintura*, *pneus*, *cromados*, até que seu sentido se complete e o leitor reconheça um automóvel, mais especificamente, o *Fusquinha*.

As expressões referenciais são responsáveis não apenas por referir, como também, por serem multifuncionais, igualmente responsáveis pela elaboração do sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente, recategorizando os objetos presentes na memória discursiva. Dessa forma, as expressões nominais desempenham importante função na organização do texto e sua contribuição para a orientação argumentativa dos enunciados que o compõem e, conseqüentemente, para a construção interativa de seus sentidos (KOCH e ELIAS, 2006).

A recategorização argumentativa pode, então, ser realizada por meio do nome-núcleo, tornando evidente a estreita relação entre referenciação por formas nominais e argumentação, visto que a escolha dos nomes-núcleo aponta para a intenção comunicativa do enunciador (KOCH, 2004b).

As nominalizações, também chamadas de nomeações, consistem numa operação de encapsulamento de porções textuais de extensão variada,

desempenhando papel relevante na organização de informações no discurso, bem como, às vezes, veiculando conteúdos de valor axiológico.

Cavalcante (2001) relaciona determinados tipos de expressões nomeadoras a diferentes funções discursivas que elas desempenham em diversos gêneros textuais escritos. A autora afirma que as nominalizações se distribuem de diferentes maneiras em gêneros textuais distintos, sendo que a análise dessas nomeações demonstra que seu uso relaciona-se à maneira como cada gênero organiza seu conteúdo.

Entendemos que a identificação dos referentes é uma tarefa de extrema relevância para a construção dos sentidos do texto. Porém, mais do que a mera identificação de tais referentes, as expressões referenciais exercem uma função argumentativa de extrema importância em determinadas situações de interação comunicativa. Assim, ressaltamos aqui o importante papel que as estratégias de referenciação desempenham no texto e, conseqüentemente, para a construção interativa de sentidos desse texto.

Trataremos, a seguir, da construção dos sentidos do texto escrito, entendida como um processo de interação entre texto e leitor.

1.4 A construção de sentidos do texto

A importância da leitura e da formação de leitores competentes é um tema amplamente discutido por professores e estudiosos da lingüística. Nesse sentido, faz-se necessário, inicialmente, conceituar a leitura.

A leitura é, por vezes, entendida como uma atividade de captação das idéias do autor, deixando de lado as experiências e os conhecimentos do leitor. Tal concepção de leitura tem como foco de atenção, portanto, o autor e suas intenções, cabendo ao leitor atingir tais intenções que já estão prontas (KOCH e ELIAS, 2006).

As autoras reconhecem, ainda, outra concepção, diferente da primeira, entendendo a leitura como um ato de decodificação do código. Conseqüentemente, essa concepção privilegia o texto e, para compreendê-lo, bastaria ao leitor dominar o código, compreendendo o sentido das palavras e reconhecendo as estruturas lingüísticas.

Adotamos em nosso trabalho uma concepção interacional de leitura. Tal concepção, distinta das concepções apontadas anteriormente, pressupõe uma interação entre os sujeitos participantes desse ato comunicativo, vistos como construtores ativos dos sentidos do texto.

Para Koch e Elias (2006), nessa concepção sociocognitivo-interacional de leitura, o texto é entendido como o lugar próprio da interação, lugar esse no qual os sentidos não estão prontos, mas são construídos levando-se em consideração tanto as “pistas” textuais dadas pelo produtor, como os conhecimentos do leitor que deve assumir um papel de participante ativo ao longo do processo de leitura.

Diante dessa perspectiva interacionista, a Lingüística Textual entende o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos co-enunciadores, no curso dessa atividade verbal, de maneira que lhes permita, ao longo da interação, não apenas a depreensão de conteúdos semânticos, como também a própria interação conforme as práticas sócio-culturais (KOCH, 2005b).

Sendo, então, o texto escrito concebido como um elemento comunicativo, o leitor consolida seu papel como aquele que constrói sentidos no texto, faz inferências e interage com o texto. Assim, essa leitura é o resultado da interação texto/leitor, sendo esse último um participante ativo no ato de ler.

Em consonância com essa perspectiva interativa de leitura, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) assinalam que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias (...)

(BRASIL, 1998, p. 69-70)

Segundo essa concepção, na qual a leitura é entendida como uma atividade comunicativa e interativa, o leitor se posiciona como um sujeito participante de uma ação discursiva, sendo o texto não um produto, mas um processo de planejamento, verbalização e construção de sentidos. Segundo Koch (2005b), a combinação desses aspectos nos leva a conceber os textos como resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual os mesmos coordenam suas ações com a finalidade de alcançarem um objetivo social, de acordo com as condições de realização dessa atividade verbal.

Em síntese, essa perspectiva que pressupõe a interação texto/leitor baseia-se no postulado de que o sentido não está pronto e acabado no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação que envolve uma atuação conjunta entre os parceiros envolvidos na atividade comunicativa (KOCH, 2005b).

Pensando nas aulas de leitura que tivemos, notamos que elas se distanciam muito da concepção de leitura apresentada em nosso trabalho. O conceito de leitura na escola esteve sempre ligado à busca de um sentido único para o texto, um sentido proposto previamente e, muitas vezes, impossível de ser atingido. Se o texto ainda é tido como um objeto uno, portador de significados definitivos, não raro os professores também se posicionam como responsáveis pela transmissão de verdades e conhecedores da única leitura possível do texto.

Nossa experiência em salas de aula em escolas de Ensino Fundamental nos mostra que esse conceito autoritário de leitura ainda encontra adeptos, visto

que, ainda hoje, há professores que estabelecem um sentido para o texto e coordenam as ações dos alunos para que esses possam atingir o sentido previamente determinado. Essa prática limita a construção de sentidos do texto, impedindo a interação do aprendiz com o texto, uma vez que, privilegiar um sentido único e fechado para o texto é ignorar que esse aprendiz já traz consigo uma leitura do mundo.

Sendo a leitura entendida como um processamento estratégico de informações, o leitor, sujeito agente do processo interativo de construção de sentidos, faz uso de diversas estratégias para construir sentidos nos textos que lê. Para Koch e Elias (2006, p. 39), dizer que o processamento textual é estratégico significa dizer que *os leitores, diante de um texto, realizam simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos.*

Dentre as várias estratégias que o leitor utiliza para construir sentidos no texto, a referenciação configura-se como uma estratégia sócio-interacional de processamento textual, entendida como o movimento pelo qual apontamos para elementos presentes no texto (ou no co-texto) possibilitando, dessa forma, a construção de sentidos do texto, uma vez que leva o leitor a construir cadeias coesivas de sentido. Nesse sentido, Cavalcante (2003) ressalta, ainda, que as expressões referenciais podem fornecer “pistas” contextuais que ajudam o leitor a identificar o referente, reconstruindo, então, os sentidos tencionados pelo enunciador.

Assim, nessa primeira parte de nosso trabalho esperamos ter abordado não apenas o processo de referenciação como aquele que supera a antiga concepção de referência, mas também a relevância das estratégias de referenciação para a construção dos sentidos do texto. Em nossa próxima seção, trataremos do conto literário e suas especificidades, apontando, igualmente, as características da produção contística de Clarice Lispector.

Se não tivermos uma idéia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta (...)

(Julio Cortázar)

CAPÍTULO II - O conto literário

Neste capítulo apresentaremos, inicialmente, um estudo sobre o conto, traçando um breve histórico desde as primeiras narrativas entendidas como conto, até o conto literário moderno, com base em autores como Moisés (1967), Gotlib (1988), Jolles (1976) e Lima (2007).

Apresentaremos, também, a estrutura do conto maravilhoso tal como nos propõe Vladimir Propp em sua obra *Morfologia do conto* (1983), apontando, na seqüência, as principais características estruturais do conto literário moderno na perspectiva de Moisés (1967), Gotlib (1988), Abdala Júnior e Campedelli (1986), bem como no estudo desenvolvido por Lima (2007). As principais características da produção contística de Clarice Lispector, em especial dos contos *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, serão igualmente abordadas neste capítulo.

2.1 O conto: das origens ao conto literário

Muitas são as acepções da palavra conto, entre elas *commentu-* (latim), significando invenção ou ficção, e a forma deverbal de contar que, por sua vez, viria de *computare*, enunciar objetos, evoluindo gradativamente para enumeração de acontecimentos (MOISÉS, 1967).

Gotlib (1988) assinala que o conto surgiu do ato de contar uma história oralmente, evoluindo para ato de registrá-la por escrito, ou seja, quando os contadores de histórias começaram a registrar por escrito as histórias, o conto passou para uma narrativa escrita, assumindo um caráter literário.

Mesmo sendo impossível precisar o momento em que o conto surgiu, as características estruturais do conto literário apontam-no como uma matriz para a prosa de ficção. Alguns estudiosos asseguram que o aparecimento do conto se

deu em uma era histórica, milhares de anos antes do nascimento de Cristo, apontando o conflito entre Caim e Abel como um exemplar de conto. Na Bíblia, episódios como os de Salomé, Rute, Judite, Susana, a história do filho pródigo, a ressurreição de Lázaro, entre outros, são igualmente considerados contos. No antigo Egito, a história dos *dois irmãos*, de autor desconhecido, do século 14 a.C, seria um conto (MOISÉS, 1967).

O autor assinala que os contos *Ali Babá e os quarenta ladrões*, *Mercador de Bagdá*, as aventuras das *Mil e uma noites*, *Simbad, o marujo*, entre outros, provêm da Pérsia e da Arábia. Ainda no oriente, mais precisamente na Índia antiga, destacam-se contos como *O pombo e o corvo*, de Panchatantra e a *História de Devadatt*, de Somadeva.

Segundo Moisés (1967), foi na Alta Idade Média que o conto conheceu sua época áurea, graças às novelas de cavalaria e ao aparecimento de contistas de primeira grandeza como Boccaccio e Chaucer e, nos séculos XVI e XVII, com Quevedo, Cervantes, La Fontaine, Perrault entre outros.

No século XIX, o conto atingiu sua fase de maior esplendor, tornando-se uma forma nobre, ao lado das demais até então consideradas. Nessa época, segundo Moisés (1967, p. 97)

O conto sai de seu estágio empírico, indeciso e por assim dizer folclórico, para ingressar numa fase em que se torna produto tipicamente literário sem as anteriores implicações. Mais ainda: ganha estrutura e andamento característicos, compatíveis com sua essência e seu desenvolvimento (...).

Para Moisés (1967), o conto se destacou sobremaneira na França, onde avultaram contistas de primeira grandeza. Balzac abre a lista, seguido de Flaubert e Maupassant, sendo que esse último deu ao conto características modelares imitadas por muitos seguidores.

O autor ressalta que, ainda na Europa, outros nomes se dedicaram ao conto: Edgard Allan Poe, escritor inglês considerado o iniciador das histórias de crimes e de detetives e Anton Tchecov, contista russo que conferiu ao conto notas de mistério e misticismo. Em língua portuguesa surgiram, na mesma época, contistas de igual grandeza como Machado de Assis, Eça de Queirós e Aluísio Azevedo entre outros.

No século XX, mais do que em fins do século XIX, o conto atingiu seu apogeu como forma literária, com nomes como Kafka, Virginia Wolf, James Joyce, William Faulkner, Ernest Hemingway e tantos outros. No Brasil, figuram nomes igualmente grandiosos como Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e Clarice Lispector, entre outros (Moisés, 1967).

2.2 A forma e a estrutura do conto

Jolles (1976) realizou um estudo relevante sobre a forma do conto, diferenciando as “formas simples” das “formas artísticas”. Segundo o autor, o conto é uma fábula que se conta às crianças para diverti-las. Tal conceito se liga ao ato de contar histórias e se refere, sobretudo, ao conto maravilhoso.

O autor entende o conto como uma forma simples, bem como a lenda, o mito, a adivinha, o chiste, o ditado, entre outros, isto é, uma forma que permanece através do tempo, podendo ser recontada inúmeras vezes, sem perder sua forma, sendo, pois, fluido e capaz de se renovar a cada transmissão. Jolles (1976, p. 195) acrescenta que *qualquer um pode contar um conto, uma saga ou uma lenda ‘com as suas próprias palavras’*.

As formas simples se opõem às formas artísticas, uma vez que essas são únicas, elaboradas por um único autor, sendo impossível recontá-las sem que se perca sua peculiaridade. Nosso atual conto literário corresponderia ao que Jolles (1976) chamava de novela e, contrariamente ao conto maravilhoso, seria uma

forma artística, visto que busca representar uma parcela da realidade, segundo a ótica de um autor.

A ação é uma propriedade conhecida do conto, uma vez que ela ocorre em um lugar distante, podendo ser qualquer lugar ou lugar nenhum, em um tempo também indeterminado. Também o elemento maravilhoso é imprescindível ao conto, sendo os lugares, as personagens e o tempo indeterminados historicamente. Quando o tempo ou o lugar do conto adquire traços históricos, isto é, se aproxima do real, o conto perde parte de sua força e o fascínio do maravilhoso natural (JOLLES, 1976).

O autor ressalta, ainda, outra propriedade desta Forma Simples: o gesto verbal que seria, para ele, uma manifestação tão acentuada, ordenando o acontecimento de modo tão determinado, que se pode ver nele o verdadeiro conteúdo do conto.

Assim, o conto obedece a uma moral ingênua, que se opõe às leis do universo real. No conto há sempre um acontecimento que contraria nosso sentimento de justiça e que vai, aos poucos, sendo eliminado para que ocorra um desfecho em concordância com a moral ingênua, conforme nos esclarece Jolles (1976, p. 201):

O Conto escolhe, de preferência, os estados e os incidentes que contrariem o nosso sentimento de acontecimento justo (...). Sevícias, desprezo, pecado, arbitrariedades, todas essas coisas só aparecem no Conto para que possam ser, pouco a pouco, definitivamente eliminadas e para que haja um desfecho em concordância com a moral ingênua.

Os contos maravilhosos foram registrados de maneira especial pelos irmãos Grimm, em sua coletânea *kinder-und Hausmärchen* (*Contos para crianças e famílias*). Após a verificação desses contos, Jolles (1976) assinala que Jacob Grimm percebeu em tais contos um fundo que se mantém idêntico, mesmo quando é narrado por outras palavras. Essas narrativas compiladas por eles, em

1812, passaram a ser chamadas de conto, termo já há muito tempo utilizado para classificar outras narrativas.

Nesse sentido, o conto maravilhoso e o conto literário ou artístico (a princípio chamado de novela toscana) são, segundo Gotlib (1988, p. 19), *duas realidades narrativas diferentes*. No conto maravilhoso, as variações possíveis nunca atingem sua forma, ao passo que no conto literário, cada narrativa é peculiar a seu autor. A esse respeito, Jolles (1976, p. 195) já ressaltava que

Forma artística ou Forma Simples, poder-se-á sempre falar de 'palavras próprias'; nas Formas artísticas, todavia, trata-se das *palavras próprias do poeta*, que são a execução única e definitiva da forma, ao passo que, na Forma Simples, trata-se das *palavras próprias da forma*, que de cada vez e da mesma maneira se dá a si mesma uma nova execução.

Igualmente relevante na obra de Jolles (1976) é a questão da atualização das formas. Segundo o autor, existem as formas históricas que dão origem às formas atualizadas que, por seu turno, dão origem às formas literárias. No tocante ao conto, tal atualização existe não apenas no que diz respeito à linguagem, mas também a todos os elementos que compõem o conto: lugares, personagens etc.

Foi Vladimir Propp (1983) quem estudou a permanência das formas simples nos contos maravilhosos, verificando a estrutura do conto. Em seu estudo denominado *Morfologia do conto*, observou as formas do conto para determinar as constantes e as variantes dos contos, comparando suas estruturas. Segundo ele, um estudo sobre o conto deveria, acima de tudo, descrever sistematicamente os contos, para, depois, determinar os tipos de contos.

Assim, para determinar o que é conto, Propp realizou uma descrição dos contos maravilhosos, observando as partes que o constituíam e as relações destas partes entre si e com o conjunto do conto. Nesse estudo morfológico sobre o conto, o autor observou valores constantes e comuns aos textos. Um desses valores constantes, segundo ele, era o das personagens, uma vez que elas

conservavam suas ações, mudando, porém, de nomes e de funções nas narrativas.

As funções seriam as ações constantes das personagens nos contos, ou seja, *a ação de uma personagem, definida do ponto de vista do seu significado no desenrolar da intriga* (PROPP, 1983, p. 60). Tais funções podem ser praticadas por personagens diferentes e de maneiras distintas.

Ao examinar os contos russos, Propp encontrou aproximadamente cento e cinquenta elementos que compõem o conto e trinta e uma funções constantes, que se sucedem no conto sempre de forma idêntica. Assim, o conto maravilhoso apresentaria estas funções em determinada ordem, que não se altera. O autor identificou, também, sete personagens comuns aos contos maravilhosos, cada qual com sua “esfera de ação”: o antagonista ou agressor, o doador, o auxiliar, a princesa e seu pai, o mandatário, o herói e o falso herói.

A despeito do estilo de cada contista, Propp (1983) já ressaltava alguns aspectos comuns constituintes do conto, observando que a narrativa deve ter, dentre outros aspectos:

- a) pelo menos um ator antropomorfo constante, individual ou coletivo, que garanta a unidade de ação;
- b) a transformação de predicados, caracterizada pela passagem de um estado para outro, por meio de uma série de acontecimentos encadeados;
- c) um processo no qual se constrói uma intriga com a integração dos fatos em uma ação única, formando um todo constituído pela seleção e arranjo dos acontecimentos e ações.

Após a observação da estrutura do conto, Propp (1983, p. 144) assinala que

Podemos chamar conto maravilhoso, do ponto de vista morfológico, a qualquer desenrolar de ação que parte de uma malfeitoria ou de uma falta (...), e que passa por funções intermediárias para ir acabar em casamento (...) ou em outras funções utilizadas como desfecho.

Ao longo do tempo, o conto apresentou desdobramentos, passando pelo conto popular, maravilhoso, até chegar ao conto literário moderno, objeto de nosso interesse específico. O conto popular apresenta algumas características singulares que o diferenciam do conto literário.

Os contos populares, segundo Guimarães (2002), fazem parte de uma literatura originalmente oral, visto que se destinavam a um auditório que não sabia ler. Esse auditório determinava uma técnica norteada por uma narrativa em seqüência lógica, sem pormenores, apenas o indispensável e, em geral, com enfoque numa ação principal. A autora afirma que no conto popular não há descrições particularizantes, prendendo-se ao imaginário ou à memória coletiva, servindo de repertório comum a um número maior de ouvintes.

A autora acrescenta, ainda, que o conto popular, por ocasião de sua enunciação, deixa de ser um fato individual, fruto de um narrador/enunciador que decide pelas variações que instaura em sua narrativa e passa a constituir uma enunciação que busca se adequar a um interlocutor real.

O conto literário ou erudito, por seu turno, apresenta duas características principais que o diferenciam do conto popular, segundo D'Onófrio (1995, p. 121):

- a) é produzido por um autor historicamente conhecido, ao passo que o conto popular apresenta autoria desconhecida e

- b) refere-se a um episódio da vida real, que mesmo não sendo verdadeiro (pois é ficcional), é verossímil, melhor dizendo, o fato narrado não aconteceu no mundo físico, mas poderia acontecer.

Assim ocorre nos contos *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, de Clarice Lispector, nos quais as personagens se deparam com um acontecimento inédito que lhes desperta a consciência de algo novo, nunca antes observado por elas.

2.3 O conto literário

O conto é breve e visa a narrar um fato relativo a um número reduzido de personagens, cujos detalhes produzem uma única impressão em quem os lê. Possui unidades de tempo, ação, espaço e tom, as quais obedecem a uma estrutura harmoniosa que atende a um só objetivo: a univalência, ou seja, tudo o que é escrito e todas as unidades estruturais caminham para narrar um curto espaço de tempo. O que interessa ao conto é o momento vivido por uma determinada personagem.

O conto é unívoco, univalente, isto é, trata-se de uma narrativa com uma única célula dramática, um único conflito. Assim, todos os ingredientes do conto convergem para um mesmo ponto. Para Moisés (1967, p. 100)

a existência de um único conflito, duma única 'história', está intimamente relacionada com essa concentração de efeitos e de pormenores: o conto aborrece as digressões, as divagações, os excessos. Ao contrário, exige que todos os seus componentes estejam galvanizados numa única direção e ao redor dum só drama.

Essa unidade dramática corresponde, em geral, ao momento mais importante na vida da personagem, pouco interessando o que está antes ou depois, ou seja, o passado e o futuro possuem significado menor ou nulo nessa fração dramática. Daí também as descrições ocuparem lugar bastante modesto no conto.

A unidade de ação condiciona as demais características do conto, entre elas, a noção de espaço. O lugar por onde as personagens circulam é sempre restrito, em geral uma casa, uma rua ou mesmo um quarto de dormir bastam para que o enredo se organize. Nesse sentido, podemos concluir que *à unidade de ação corresponde a unidade de espaço* (MOISÉS, 1967, p. 101).

No tocante ao tempo, o conto apresenta a mesma unidade, ou seja, os acontecimentos narrados no conto ocorrem num curto lapso temporal, visto que o futuro e o passado não interessam ao conto. Em síntese, o conto caracteriza-se por ser objetivo, eliminando pormenores secundários.

Às unidades de tempo, espaço e lugar devemos acrescentar a unidade de tom, isto é, todas as partes da narrativa devem, segundo Moisés (1967, p. 102), *obedecer a uma estruturação harmoniosa, com o mesmo e único objetivo*. Em vista disso, o conto se constrói em torno de uma só idéia, uma só imagem da vida, desprezando os acessórios.

Com base na afirmação de que tudo no conto deve convergir para a construção de uma só idéia, o célebre contista e estudioso do conto Edgar Allan Poe desenvolveu uma teoria chamada de princípio da unidade de efeito, segundo a qual a leitura do conto deve causar no leitor um “efeito único”. Dessa forma, o contista deve ser hábil o bastante para prender a atenção do leitor até o momento do desfecho do conto.

Em decorrência das unidades de tempo, ação e tom, o número de personagens é reduzido no conto, geralmente duas ou três. Moisés (1967) ressalta que não parece possível o conto com uma única personagem: ainda que uma só apareça, outra figura deve atuar direta ou indiretamente no conflito do conto.

A linguagem do conto é simples, objetiva, facilitando a imediata compreensão do leitor. O diálogo é um componente bastante relevante no conto, podendo se manifestar em diferentes formas de discurso: o direto, o indireto ou o indireto livre.

No discurso direto, o contista põe as personagens a falar diretamente, sem sua intervenção, e representa essa fala com um travessão ou aspas. No discurso indireto, por sua vez, o contista reproduz a fala das personagens, resumindo-as em forma de narrativa, sem destacá-las de modo algum. Já no discurso indireto livre, as falas das personagens se mesclam à fala do narrador que, ao narrar, se posiciona sobre os fatos.

Há, também, outra forma de narrar, de uso mais raro, denominada monólogo interior, na qual o diálogo se passa dentro, no mundo psíquico da personagem. Moisés (1967, p. 104) esclarece que, nesse caso, *a personagem fala consigo mesma, antes de se dirigir a outrem*, traduzindo-se sob a forma de fluxo da consciência, dando a conhecer ao leitor informações desordenadas, tal como vieram à mente da personagem.

Alguns contos de Clarice Lispector utilizam, segundo Abdala Júnior e Campedelli (1986), a técnica do fluxo da consciência, igualmente observada em autores como Marcel Proust, James Joyce e Virgínia Wolf. Nessa técnica, rompe-se a fronteira entre a voz do narrador e a das personagens.

Assim, rompe-se a narrativa referencial ligada a acontecimentos e, em lugar dela, surge uma narrativa interiorizada, que realça um momento de vivência interior da personagem ou do narrador, evidenciando seus aspectos psicológicos. Abdala e Campedelli (1986, p. 272) ressaltam que é possível, até mesmo, que um acontecimento exterior provoque o desencadear do fluxo da consciência. O trecho que segue exemplifica o uso da técnica do fluxo da consciência utilizada por vários escritores.

Oh como era bom estar de volta, realmente de volta, sorria ela satisfeita. Segurando o copo quase vazio, fechou os olhos com um suspiro de cansaço bom. Passara a ferro as camisas de Armando, fizera listas metódicas para o dia seguinte, calculara minuciosamente o que gastara de manhã na feira, não parara na verdade um instante sequer. Oh como era estar de novo cansada.

(LISPECTOR, Clarice. A imitação da rosa, In: *Laços de família*, 1960)

Moisés (1967) esclarece que o ponto de vista em que se coloca o narrador, também chamado de foco de narração ou foco narrativo, constitui um elemento relevante numa narrativa. Dos quatro focos narrativos conhecidos⁴, Lima (2007) ressalta que dois são utilizados com maior frequência nos contos:

- o do narrador-personagem, no qual a personagem principal conta sua própria história usando a primeira pessoa;
- o do narrador-observador, evitando se imiscuir na história. Nesse caso, o narrador diminui ou suspende a penetração psicológica em favor da ação, tornando a narrativa mais linear, menos complexa.

Moisés (1967) assinala que, apesar do caráter unívoco do conto, o contista pode se utilizar de diferentes formas os ingredientes próprios do conto, combinando-os dentro de uma variedade de moldes, optando, assim, por diferentes tipos de contos. Com base nos estudos de Carl H. Grabo, o autor classifica os contos em cinco grupos: os contos de ação, de cenário ou atmosfera, de idéia, de efeitos emocionais e de caráter.

Exemplificando esse último tipo de conto, lembramos de *Feliz aniversário*, de Clarice Lispector, no qual a narrativa se desenvolve a partir da construção da

⁴ Moisés (1967) esclarece que, segundo os críticos norte-americanos Robert Penn Warren e Cleanth Brooks, os quatro tipos de foco narrativo são: 1) a personagem principal conta sua

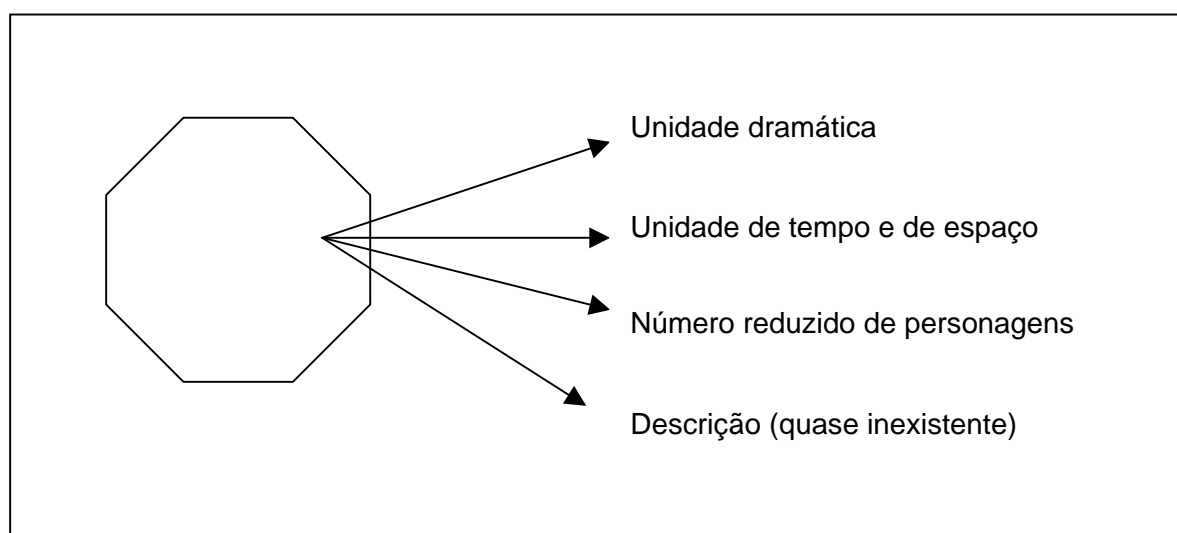
figura da personagem principal, D. Anita, por ocasião da comemoração de seu aniversário:

Os músculos do rosto da aniversariante já não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca.

(LISPECTOR, Clarice. Feliz aniversário, In: *O primeiro beijo*, 1991, p. 28)

Nesse conto de caráter, pouco nos interessa o passado da aniversariante; também nada se prevê sobre seu futuro; é a cena presente que ganha relevo. Toda a narrativa se constrói em torno da aniversariante, sendo que as referências rápidas às demais personagens apenas colaboram, segundo Moisés (1967), para a formação da atmosfera do local onde a senhora vai viver o episódio máximo de sua existência.

Entendemos que o esquema abaixo, por nós elaborado, com base nos estudos de Moisés (1967), representa a estrutura do conto de forma bastante clara.



história; 2) uma personagem secundária conta a história da personagem principal; 3) o escritor onisciente conta a história e 4) o escritor conta a história como observador.

Quadro 1 – Esquema do conto

Em síntese, o conto literário possui todas as características de um romance, porém, em dose menor. A voz que conta é única, não raro centrada no narrador ou em uma personagem. As categorias de espaço e tempo também são limitadas, restringindo as descrições e reflexões.

Porém, enquanto no romance o conteúdo aparece diluído numa multiplicidade de ações, o conto caracteriza-se por uma grande densidade dramática, advinda da diminuta composição dos elementos estruturais no conto. O contista revela um fato ao leitor, de forma condensada, cujo desfecho leva esse leitor a deduzir a parcela de sentido do mundo que a narrativa encerra (D'ONÓFRIO, 1995).

Assim, a base diferencial entre o conto e as outras formas de narrativa (romance, novela entre outros) é a contração, uma vez que *o contista condensa a matéria para apresentar seus melhores momentos* (GOTLIB, 1988, p. 64).

Sendo o conto uma forma narrativa de pequena extensão, Soares (2005, p. 54) assinala que *quanto mais concentrado, mais rigoroso é o trabalho de seleção e de harmonização dos elementos selecionados e, portanto, de ênfase no essencial*. Nesse sentido, ao invés de representar o desenvolvimento da vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto constitui uma amostragem, representando um episódio significativo e inédito na vida da mesma.

2.4 A produção contística de Clarice Lispector

Nas décadas de 50 e 60, Clarice escrevera vários contos, entre eles *Amor, Os laços de família, Uma galinha e Feliz aniversário*. Seus contos e romances, aos quais se atribui um alto grau da técnica do “fluxo da consciência”, são obras cujo assunto principal é a consciência de uma ou mais personagens (ABDALA JÚNIOR E CAMPEDELLI, 1986).

Nessa técnica, como já mencionamos na seção 2.2, rompe-se a narrativa referencial, ligada aos acontecimentos, tomando lugar a narrativa interior, centrada num momento de vivência interior do narrador ou da personagem (ABDALA e CAMPEDELLI, 1986). É esse o caso dos contos *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, nos quais as personagens principais, ambas mulheres, vivenciam tais experiências interiores.

Uma característica bastante presente nos contos e romances clariceanos é o momento de epifania. Esse termo indica, em sentido religioso, a presença de alguma entidade sagrada, que transmite uma mensagem ou aponta um caminho. No sentido literário, a epifania é um momento de revelação, no qual ocorre um evento que ilumina a vida da personagem.

A epifania seria, como nos esclarece Gotlib (1988, p. 52)

... um dos quesitos de beleza. O primeiro deles seria o da integridade, quando se percebe a coisa enquanto obra integral. Este primeiro quesito permite reconhecer a coisa como sendo uma, e não outra. O segundo, o da simetria, permite considerar o objeto como um, em si mesmo, nas suas partes e no seu todo, na relação consigo mesmo e com outros objetos. E pelo terceiro, a epifania, a coisa torna-se ela mesma.

A autora acrescenta, ainda, que tais considerações não se aplicam apenas ao conto, porém, nos contos cujo cerne é essa percepção reveladora de uma realidade, como por exemplo, nos contos de Clarice Lispector, a questão da epifania se torna fundamental para a leitura.

Com relação à epifania, Sant'Anna (apud Abdala Júnior e Campedelli, 1986, p. 274) assinala que os contos e romances de Clarice Lispector costumam seguir quatro passos:

- a) a personagem é disposta numa situação cotidiana;
- b) prepara-se um evento que é pressentido discretamente;
- c) ocorre o evento que lhe “ilumina” a vida;
- d) ocorre o desfecho, onde se considera a situação da vida da personagem, após o evento.

Na obra de Clarice Lispector, a caracterização das personagens e suas ações são elementos secundários. Importa-lhe captar a vivência interior das personagens e a complexidade de seus aspectos psicológicos. Segundo Abdala Júnior e Campedelli (1986), desses elementos resultam a narrativa introspectiva e o monólogo interior, no qual, não raro, percebemos a voz do narrador misturando-se com a das personagens. Essa centralização na consciência desencadeia o fluxo da consciência, ou seja, a expressão dos estados mentais das personagens.

Os contos e romances clariceanos apresentam traços do existencialismo, corrente filosófica que destaca a liberdade individual, a responsabilidade e a subjetividade do ser humano. Para o existencialismo, cada homem é um ser único que é mestre de seus atos e de seu destino.

O existencialismo afirma o primado da existência sobre a essência, segundo a célebre definição do filósofo francês Jean-Paul Sartre: “a existência precede a essência”⁵. Conforme nos esclarecem Aranha e Martins (1999), não há uma essência ou modelo para lhe orientar o caminho, seu futuro se encontra aberto, estando o homem, portanto, irremediavelmente “condenado a ser livre”. Assim, para o existencialismo, o homem tem a liberdade de escolher seu destino, o qual não está predeterminado. Essa escolha, por sua vez, angustia o ser humano. Nesse sentido, Aranha e Martins (1999, p. 308) concluem que:

O existencialismo é uma moral da ação, porque considera que a única coisa que define o homem é o seu ato. Ato livre por excelência, mesmo que o homem sempre esteja situado em determinado tempo ou lugar. Não importa o que as circunstâncias fazem do homem, ‘mas o que ele faz do que fizeram dele’.

⁵ Em sua obra *O existencialismo é um humanismo*, Sartre menciona essa frase como sendo o princípio da filosofia existencialista.

Essa angústia do homem diante da liberdade de escolha é evidenciada em vários contos clariceanos, nos quais as personagens podem optar por uma vida autêntica, ou conformar-se com interesses cotidianos.

Assim ocorre, por exemplo, com Catarina, a protagonista do conto *Os laços de família* que, após experimentar uma proximidade física com sua mãe, ao serem lançadas uma contra a outra num táxi, reflete sobre seu relacionamento familiar e decide quebrar a rotina do lar, há muito estabelecida pelo casamento e pelo marido.

Característica igualmente relevante na obra de Clarice Lispector é a semelhança entre as personagens como, por exemplo, Ana do conto *Amor*, que é muito parecida com Catarina de *Os laços de família*. Elas vivem, segundo Abdalla Júnior e Campedelli (1986, p. 274), *situações de conflito em maior ou menor grau, sempre em busca do momento de revelação, a indicar a verdade de cada uma*.

De igual maneira se desenvolvem os contos *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, nos quais as personagens principais, Catarina e D. Anita, respectivamente, atingem o conhecimento da verdade, que é, para Clarice Lispector, o fator mais importante a ser considerado.

Alguns dos contos de Clarice Lispector, entre eles *Amor*, *Uma galinha* e *Os laços de família*, entendidos como contos de acontecimento, apresentam uma forma muito peculiar de narrar, conforme nos assinala GOTLIB (1995, p. 269):

... uma aparente estrutura clássica, organizada segundo princípios de obediência à ordem de início, meio e fim, não é suficiente para explicitar a sua construção, já que junto a esta, aparente, coexiste outra, mais subterrânea, que praticamente questiona e desmonta a primeira, sob o disfarce de outros elementos de composição, que instauram a desordem, o desequilíbrio, o caos.

O estilo de Clarice Lispector é bastante singular; sua linguagem apresenta estruturas sintáticas pouco convencionais e escolhas semânticas diferenciadas, destacando a palavra como objeto e instrumento de comunicação. O uso das reticências convida o leitor a completar os sentidos, a preencher as lacunas deixadas pela escritora, uma vez que esse leitor precisa refletir sobre a linguagem durante a leitura.

Clarice aproxima o narrador em terceira pessoa da personagem. Esse narrador não apresenta ao leitor uma retrospectiva sobre as personagens, ao contrário, ele começa suas narrativas colocando o leitor dentro da narrativa, que parece já ter começado anteriormente. Assim, o leitor penetra no trama sem os preâmbulos que outros escritores costumam oferecer aos leitores no início de suas narrativas.

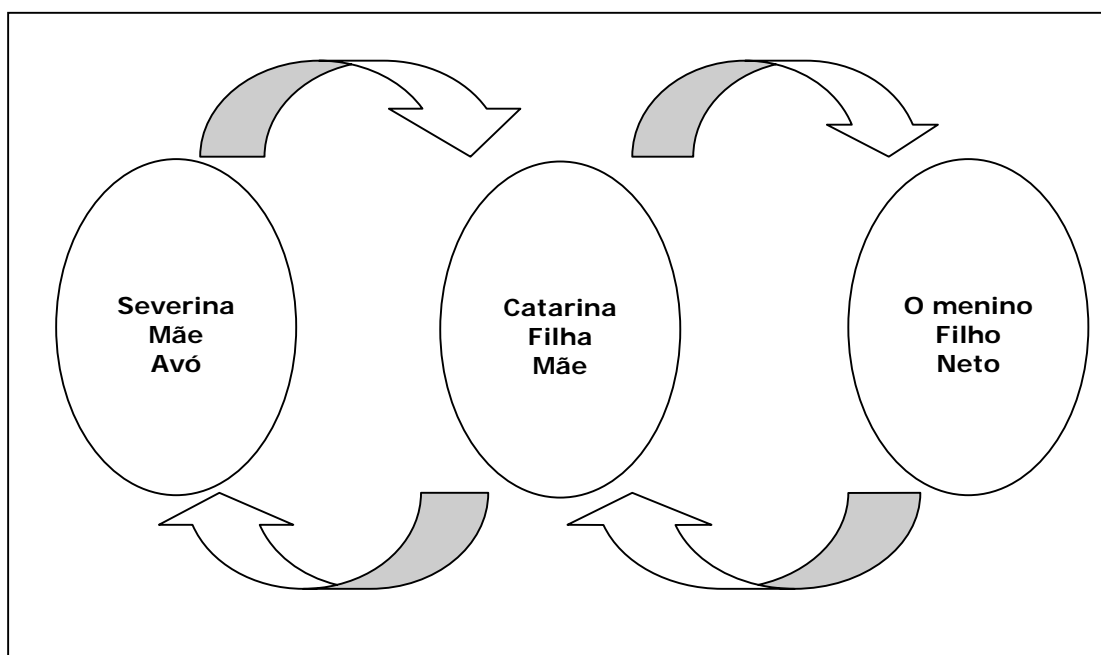
Os laços de família é o conto que deu título ao livro publicado em 1960, no qual Clarice mostra a problemática das relações familiares, especificamente os laços maternos. Nesse conto, o relacionamento entre mãe e filha é mostrado por ocasião da aproximação entre ambas, quando Catarina é lançada próximo ao corpo da mãe, ao levá-la à estação de trem, devido à freada brusca do táxi no qual estavam. Ao chegar em casa, Catarina observa o filho brincando, e esse, ao vê-la, chama-a de mamãe. O termo mamãe, acrescido da aproximação de Catarina com sua mãe no táxi, fazem com que a personagem atente para as relações maternas, tanto com sua mãe quanto com seu filho.

Podemos dizer que esse é um conto cíclico, uma vez que a mãe (Severina) tem, ainda que por alguns instantes, a filha Catarina novamente perto de si, e essa, ao chegar em casa, completa o “ciclo” com seu próprio filho. Nesse conto, *a fascinante relação de maternidade é abordada, como algo que se recebe e que ao outro será legada* (GOTLIB, 1995, p. 274).

Esse movimento cíclico da vida, da maternidade, fica evidente em dois níveis distintos, pois Severina está para Catarina, assim como o filho está para

Catarina, em primeira instância, e está, duplamente para Severina em um segundo momento, caracterizando um movimento ininterrupto.

Representando as relações maternas do conto *Os laços de família* em um gráfico, elas se apresentariam da seguinte maneira:



Quadro 2 – Os laços de família (elaborado pela pesquisadora)

Também *Feliz aniversário* é um conto que retrata os laços familiares, mas de uma forma distinta de *Os laços de família*, visto que narra uma festa de aniversário de uma senhora que, ao fazer oitenta e nove anos, percebe que não tem nada a comemorar, pois, para ela, a família estava ali apenas por protocolo. O cumprimento desse protocolo fica evidente no fragmento a seguir, no qual a filha, Zilda, organiza a festa, apenas como uma obrigação :

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido... **Para adiantar o expediente**, enfeitara a mesa logo depois do almoço, encostara as cadeiras à parede (...)

(LISPECTOR, Clarice. *Feliz aniversário*, In: *O primeiro beijo*, 1991, p. 29 - grifo nosso)

Apesar de terem mulheres como personagens principais, *Os laços de família* e *Feliz aniversário* abordam a questão do relacionamento familiar sob diferentes perspectivas. No primeiro conto, ocorre a aproximação e a retomada das relações entre mãe e filho, desencadeada pela aproximação anterior ocorrida entre Severina e Catarina, também acentuando os laços maternos até então negligenciados. O trecho a seguir evidencia o momento da retomada dos laços entre Catarina e seu filho pequeno, no conto *Os laços de família*.

(...) A mãe sacudia a toalha no ar e impedia com sua forma a visão do quarto: mamãe, disse o menino. Catarina voltou-se rápida. Era a primeira vez que ele dizia “mamãe” nesse tom e sem pedir nada. Fora mais que uma constatação: mamãe!

(LISPECTOR, Clarice. *Os laços de família*, In: *O primeiro beijo*, 1991, p. 61)

Já em *Feliz aniversário*, percebemos que a questão familiar é vista de forma repulsiva, como elos cortados. Essa repulsão é mostrada claramente no início do conto, conforme destacamos em negrito, na cena da chegada da nora de Olaria, quando essa adentra a casa por ocasião do aniversário:

(...) A nora de Olaria apareceu (...) **O marido não viera por razões óbvias**: não queria ver os irmãos. Mas mandara a mulher para que nem todos os laços fossem cortados (...) ‘Vim para não deixar de vir’ dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida.

(LISPECTOR, Clarice. *Feliz aniversário*, In: *O primeiro beijo*, 1991, p. 28 – grifo nosso)

Durante sua festa de aniversário, D. Anita observa, muda, seus familiares, refletindo sobre eles e sobre sua relação com cada um deles. Essa reflexão culmina num sentimento de repulsa por aqueles seres que, segundo a aniversariante, são “ocos”.

O sentimento de repulsa é explicado ao longo do texto, deixando claro que, para D. Anita, apenas uma pessoa é boa em sua família: Rodrigo, seu neto, segundo ela, “carne de seu coração”, cuja reciprocidade afetiva é verdadeira.

Além de *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, outros contos de Clarice desenvolvem sua ação em função do grupo social familiar, nos quais as relações parentais e existenciais dos seres envolvidos nesse grupo serão questionadas. Contos como *Uma galinha* e *Começos de uma fortuna* exploram igualmente essas relações familiares (GOTLIB,1995).

Assim, em nosso segundo capítulo, esperamos ter abordado o conto desde sua origem até o conto literário contemporâneo, ressaltando as especificidades desse último. As características mais relevantes da produção contística de Clarice Lispector foram, de igual maneira, abordadas em nosso capítulo, visto que seus dois contos *Os laços de família* e *Feliz aniversário* serão analisados no capítulo 3 de nosso trabalho.

Entendemos que o conhecimento de tais características, juntamente com as estratégias de referenciação, podem colaborar para a construção de sentidos desses textos, como veremos na próxima seção de nosso trabalho.

*Em cada livro meu eu conto tremendamente
com a participação do leitor.*

(Clarice Lispector)

___ **CAPÍTULO III – A construção de sentidos nos contos clariceanos** ___

Neste capítulo de nosso trabalho, analisaremos, inicialmente, a ocorrência das estratégias de referenciação nos dois contos clariceanos selecionados: Os

laços de família e *Feliz aniversário*, verificando sua relevância para a construção de sentidos desses contos.

E, na seqüência, a partir dessas análises, apresentaremos uma proposta de construção de sentidos para cada um dos contos selecionados.

3.1 Analisando contos de Clarice Lispector

A referenciação, conforme abordamos no capítulo 1, caracteriza-se como uma estratégia sócio-interacional de processamento textual, entendida como o movimento pelo qual apontamos para elementos presentes no texto (ou no contexto) possibilitando, assim, a construção de sentidos do texto, uma vez que leva o leitor a construir cadeias coesivas de sentido.

Chamamos de nominalização a transformação de um sintagma nominal em referente, ou seja, as nominalizações são sintagmas nominais responsáveis pela criação dos objetos-de-discurso que alimentam a memória discursiva dos interlocutores, estando, assim, relacionados com a introdução/ativação e com a recategorização de referentes ao longo do texto.

As pronominalizações, por sua vez, consistem na retomada de referentes do texto por meio do uso de pronomes, podendo ser de dois tipos: a pronominalização anafórica, entendida como aquela que retoma um referente expresso anteriormente no texto, e a pronominalização catafórica que, ao contrário da primeira, sinaliza ao leitor uma porção do texto que virá a seguir.

Com base nas teorias estudadas no capítulo I de nosso trabalho, elegemos as seguintes categorias para analisar os textos selecionados:

- I. Nominalizações;
- II. Pronominalizações.

Os contos *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, que analisaremos a seguir, têm como tema central os diversos relacionamentos familiares, como por exemplo, entre mãe e filha, mãe e filho, marido e mulher, sogra e nora. Entendemos que as estratégias de referenciação podem auxiliar o leitor na percepção desses laços familiares, facilitando, assim, a compreensão do texto.

Na seqüência, apresentaremos uma análise de cada um dos contos selecionados à luz dessas categorias.

3.1.1 Os laços de família

Os laços de família é um conto que aborda os relacionamentos familiares, em especial, a questão da maternidade. Por meio de uma freada brusca do táxi no qual se encontravam, Severina e Catarina percebem tardiamente que os laços entre elas se romperam e que, durante o tempo que a mãe passara na casa da filha, não conseguiram retomar tais laços.

Se, por um lado, o relacionamento entre mãe e filha é distante, a proximidade física experimentada por ambas faz com que Catarina se reaproxime do filho pequeno que brincava sozinho no quarto de seu apartamento.

Passaremos, então, a observar a relevância das estratégias de referenciação para a construção de sentidos do conto, verificando de que maneira essas estratégias podem auxiliar o leitor a construir sentidos sobre esses laços familiares.

3.1.1.1 As nominalizações

O conto se inicia com a apresentação das duas personagens, Severina e Catarina, mãe e filha que se encontram no táxi. Severina passara uns dias na casa de sua filha, Catarina, e agora se dirigia à estação de trem, onde embarcaria de volta para sua casa.

No começo do conto, porém, esse parentesco entre ambas ainda não fica muito claro ao leitor, sendo as personagens apresentadas de forma vaga. Entendemos que nesse ponto inicial do texto ocorre a introdução de dois referentes. Tal introdução é expressa pelo uso das expressões nominais definidas (*a mulher* e *a mãe*) destacadas em negrito no exemplo (1):

(01) **A mulher** e **a mãe** acomodaram-se finalmente no táxi que as levaria à Estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de que ambas estavam no carro. **A filha**, com seus olhos escuros, a quem um ligeiro estrabismo...

Pelo uso da estratégia de referenciação denominada introdução, os dois referentes são colocados em foco no texto, sendo que o primeiro referente, *a mulher*, será, em seguida, recategorizado, também pelo uso da expressão definida *a filha*. Dessa maneira, um referente já existente no texto pode ser modificado, permitindo que o leitor faça representações complexas desse referente à medida que o texto progride.

A partir desse ponto, os laços familiares entre elas começam a se delinear, ficando claros. Também o relacionamento conturbado entre a mãe e o marido de Catarina (sogra e genro) se explicita no exemplo (2):

(02) Ainda estava sob a impressão da cena meio cômica entre **sua mãe** e **seu marido** na hora da despedida. Durante as duas semanas da visita da velha, os dois mal se haviam suportado; os bons dias e as boas tardes soavam a cada momento com uma delicadeza cautelosa que a fazia querer rir.

Entendemos que o objeto-de-discurso é recategorizado pela primeira vez nesse início de conto. Essa recategorização se evidencia pelo uso da descrição definida *a velha*, que antes se instituíra *a mãe*. Tal mudança de categoria se deve à alteração da situação enunciativa: se antes a personagem era *a mãe* (de Catarina) agora passa a ser, nesse trecho, *a velha senhora*. Na hora do embarque, sogra e genro buscam uma relação mais amistosa, explicitada no

trecho que segue, no qual destacamos em negrito as expressões nominais definidas que evidenciam a mudança de categoria de ambos:

- (03) Perdoe alguma palavra mal dita”, dissera **a velha senhora**, a Catarina, com alguma alegria, vira Antônio não saber o que fazer das malas nas mãos – perturbado em ser **o bom genro...**

Assim, entendemos que as expressões nominais definidas destacadas em (3) ajudam o leitor a construir um sentido para o texto, ao demonstrarem que a relação entre sogra e genro era muito tensa, daí a sogra ser categorizada de diferentes maneiras, sendo a mãe para Catarina e, em seguida, a velha senhora. Depois de terem se suportado durante toda a estada, sogra e genro passam, então, a ser a velha senhora e o bom genro no momento do embarque de Severina.

Ainda no tocante à relação tensa entre genro e sogra, outra informação relevante é o fato de o genro, antes do casamento, se referir à sogra como Severina, comportamento que se altera após o casamento, quando a relação entre ambos se torna tensa. Tal mudança de comportamento é evidenciada em (4):

- (04) Ele chamava **a sogra** de Severina, pois antes do casamento projetava serem sogra e genro modernos. Logo na primeira visita da mãe ao casal, a palavra **Severina** tornara-se difícil na boca do marido...

Dessa forma, se, para Catarina, Severina é *a mãe*, para o genro, com quem mantém uma relação mais conturbada, passa a ser *a sogra*, evidenciando que o referente foi recategorizado. Os nomes-núcleo, sogra, velha e mãe são responsáveis pela construção dos sentidos desse trecho do texto, indicando diferentes pontos de vista e, portanto, diferentes relações familiares.

De acordo com o título do conto, o texto busca, no início, levar o leitor a perceber as relações familiares entre as personagens que, de acordo com esses laços, são categorizados de formas distintas (a mãe, a sogra, por exemplo). Ao

utilizar essas expressões definidas, o enunciador garante a reconstrução do objeto-de-discurso no texto, entendidas como responsáveis, segundo Koch (2004a), pela progressão referencial do texto. Tais expressões têm, também, função predicativa, ou seja, a escolha dos nomes-núcleo desempenha um papel fundamental na orientação argumentativa do texto.

Também o referente Antônio é recategorizado ao longo do conto: se antes fora o genro, agora assume a categoria de marido. Tal recategorização ocorre pelo uso da descrição nominal definida destacada em (5):

(05) Passou pela sala, sem parar avisou **o marido**: vamos sair! e bateu a porta do apartamento.

Como em vários outros contos de Clarice Lispector, há, em *Os laços de família*, um momento de epifania, entendido como um momento no qual se faz uma descoberta. Assim ocorre nesse conto, quando, ao serem lançadas uma contra a outra, mãe e filha refletem sobre sua relação. À medida que essa relação se altera, altera-se igualmente a categoria do referente, como no caso de Severina que passa a ser novamente *a velha*. O trecho que segue evidencia a nova categoria de Severina:

(06) Não, não se podia dizer que amava sua mãe. Sua mãe lhe doía, era isso. **A velha** guardara o espelho na bolsa e fitava-a sorrindo.

Também Catarina, diante da constatação de que a relação com sua mãe era distante, deixa de ser a filha, como no início do conto, e passa a ser a mulher, evidenciando uma impessoalidade no relacionamento com a mãe, explicitada pelo estranhamento de ambas ao se tocarem fisicamente no táxi. Vejamos o trecho a seguir:

(07) ... Mamãe, disse **a mulher**. Que coisa tinham esquecido de dizer uma a outra, e agora era tarde demais.

Ao voltar para seu apartamento, após ter sido lançada contra sua mãe no táxi, Catarina presta atenção em seu filho que brinca no quarto, estreitando, então, seus laços maternos com o garoto. A partir desse momento, o referente Catarina, que inicialmente fora introduzido como *a mulher* e recategorizado, em seguida, como *a filha*, passa a ser *a mãe* do menino. Dessa forma, se antes a expressão nominal definida categorizava Severina (mãe de Catarina), agora é Catarina quem assume o papel de mãe. No exemplo (8) destacamos a expressão nominal definida que recategoriza Catarina.

(08) **A mãe** sacudia a toalha no ar e impedia com sua forma a visão do quarto: mamãe, disse o menino...

Por meio das expressões nominais definidas utilizadas pelo enunciador, o leitor pode recategorizar os referentes, construindo determinada imagem dos objetos-de-discurso que o auxiliarão na construção de sentidos do texto.

Como já mencionamos na seção 1.2 de nosso trabalho, as descrições definidas são empregadas com a função de (re)categorização do referente, implicando sempre uma escolha na multiplicidade de formas de categorizá-lo, escolha essa realizada de acordo com a intenção comunicativa do produtor do texto (KOCH, 2005b).

Nesse sentido, entendemos que as recategorizações sofridas pelos objetos-de-discurso até esse ponto de nossa análise levam o leitor a compreender os diferentes papéis que cada um desempenha no texto e, portanto, os diferentes laços familiares que se delimitam ao longo do conto, permitindo, assim, a construção de sentidos nesse conto.

As recategorizações desses objetos-de-discurso ocorrem em virtude das diferentes relações familiares que as personagens mantêm entre si. Essa alteração fica clara, por exemplo, no caso de Catarina, que passa pelas categorias de filha, de mulher e, logo a seguir, de mãe.

Também o garoto, filho de Catarina e Antônio, é apresentado como um menino, caracterizado por uma descrição indefinida *um menino nervoso*, como veremos no trecho seguinte:

(09) Era **um menino nervoso**, distraído. Durante a visita da avó tornara-se ainda mais distante, dormia mal, perturbado pelos carinhos excessivos e pelos beliscões de amor da velha.

Ao retomar os laços maternos com seu filho, Catarina decide sair para passear com o garoto. Ambos passam pela sala do apartamento e Catarina o avisa sobre o passeio. O aviso de Catarina sobre sua saída causa estranheza no marido, uma quebra em sua rotina. Pela janela, Antônio observa, perplexo, mãe e filho se distanciarem de casa.

Tal distanciamento físico pressupõe, igualmente, um rompimento com os laços familiares, demonstrado pela escolha do enunciador ao utilizar a descrição definida *a mulher*, referida no parágrafo anterior como *sua mulher*. Podemos entender, então, que Catarina era a esposa de Antônio e, ao sair com seu filho, vista ao longe, passa a ser a mulher. O distanciamento de ambos altera não apenas a categoria da mulher, como também de seu filho, agora recategorizado pela descrição definida como *a criança*, conforme o trecho abaixo:

(10) Por que andava ela tão forte, segurando a mão **da criança**?

As escolhas feitas pelo enunciador para se referir a Catarina e ao menino, após sua saída de casa, indicam ao leitor mais do que um distanciamento físico, uma ruptura dos laços familiares e uma quebra na rotina do marido, apenas avisado da saída dos dois. Antônio relembra que Catarina ainda é *sua mulher*, porém, olhando pela janela, sozinho em seu apartamento passa a ser *o homem*, termo que aponta uma impessoalidade nas relações. No trecho que segue (10) destacamos com negrito as nominalizações que evidenciam as recategorizações sofridas pelos referentes:

- (11) Pela janela via **sua mulher** prendendo com força a mão da criança e caminhando depressa, com os olhos fixos adiante; e, mesmo sem ver, **o homem** adivinhava sua boca endurecida.

Na seqüência, mãe e filho já estão distantes do apartamento, tão distantes que passam a ser apenas “as duas figuras vistas de cima”, indicando ao leitor um total distanciamento com o marido, uma quebra das relações familiares e, portanto, da rotina daquele apartamento, conforme nos evidencia o exemplo (12):

- (12) Vistas de cima, **as duas figuras** perdiam a perspectiva familiar, pareciam achatadas ao solo e mais escuras à luz do mar. Os cabelos da criança voavam...

Ao rever a questão do casamento, entendida como uma relação estável e tranqüila, o marido atenta para a esposa, prestando atenção nela como talvez jamais houvesse prestado. O referente *mulher* ganha, agora, uma apreciação valorativa, com o acréscimo dos modificadores.

- (13) Assim era **aquela calma mulher de trinta e dois anos** que nunca falava propriamente, como se tivesse vivido sempre.

Ressaltamos que tanto os encapsulamentos anafóricos quanto os rótulos constituem casos de nominalizações, ou seja, são representações de objetos-de-discurso representados por sintagmas nominais. Tais nominalizações utilizadas pelo enunciador têm a função de apontar ao leitor as relações familiares apresentadas no texto, tendo em vista que tais relações constituem o tema central do conto.

Ainda olhando da janela do apartamento, o marido observa a proximidade entre mãe e filho, percebendo, então, a retomada dos laços maternos. O excerto abaixo demonstra o ponto de vista do marido sobre o relacionamento mãe/filho, entendendo-o como algo que apenas os dois poderiam saber, sendo, portanto, um mistério para Antônio. O encapsulamento anafórico *o mistério partilhado* evidencia esse posicionamento.

- (14) ... Quem saberia jamais em que momento a mãe transferia ao filho a herança. E com que sombrio prazer. Agora mãe e filho compreendendo-se dentro do **mistério partilhado**.

Retomando a relação entre Catarina e a mãe, após uma freada brusca do táxi, mãe e filha são arremessadas uma contra a outra. Esse evento é entendido como uma catástrofe, algo diferente, que desperta em ambas, especialmente na filha, alguma coisa diferente: uma proximidade física há muito tempo esquecida.

As rotulações *uma catástrofe*, ou *um desastre*, resumem a proporção do ocorrido, conforme nos assinalam os termos que destacamos em negrito:

- (15) Ah! ah! exclamou a mãe como a **um desastre irremediável**, ah!...
- (16) Catarina olhava a mãe, e a mãe olhava a filha, e também a Catarina acontecera **um desastre**?
- (17) ... ela ajeitava depressa as malas, a bolsa, procurando o mais rapidamente possível remediar **a catástrofe**.

Os termos em negrito constituem rótulos retrospectivos, entendidos, como vimos na seção 1.2 de nosso trabalho, como palavras ou expressões que retomam porções anteriores do texto. Os rótulos carregam, na maioria dos casos, força argumentativa, ou seja, são usados para construir o objeto-de-discurso tendo o poder de orientar o interlocutor para determinadas conclusões.

Assim ocorre nos exemplos (15), (16) e (17), nos quais o fato de mãe e filha serem lançadas uma contra a outra é caracterizado metaforicamente como *um desastre* ou *a catástrofe*, uma proximidade física apenas semelhante a que se experimenta “quando se tem pai e mãe”, algo que evidencia um ponto de vista em relação ao ocorrido. Tais rótulos não apenas evidenciam o posicionamento do enunciador em relação ao fato ocorrido entre mãe e filha no táxi, como também auxiliam o leitor a interpretar esse fato.

3.1.1.2 As pronominalizações

O difícil relacionamento entre Severina e o genro fica evidente, também, por meio dos comentários da velha em relação ao menino, sempre desafiando Antônio, mesmo quando esse não estava presente. Nos exemplos (18) e (19), as pronominalizações destacadas retomam, respectivamente, os referentes Severina e Antônio, ressaltando esse relacionamento.

(18) - Continuo a dizer que o menino está magro, disse a mãe resistindo aos solavancos do carro. E apesar de Antônio não estar presente, **ela** usava o mesmo tom de desafio e acusação que empregava diante dele.

(19) Tanto que uma noite Antônio se agitara: não é por culpa minha, Severina! **Ele** chamava a sogra de Severina...

No táxi, mãe e filha são lançadas uma contra a outra após uma freada brusca do carro e experimentam uma proximidade física que faz com que Catarina relembre de sua relação com a mãe durante sua infância. O referente Severina é igualmente retomado por meio da pronominalização, como vemos em (20):

(20) Catarina olhava a mãe, e a mãe olhava a filha, e também a Catarina acontecera um desastre? seus olhos piscaram surpreendidos, **ela** ajeitava depressa as malas, a bolsa, procurando o mais rapidamente possível remediar a catástrofe.

Quando o trem parte, Catarina volta para seu apartamento e, ao chegar, encontra seu marido, Antônio. Nesse momento, o marido se refere à Severina por meio de uma pronominalização, ou seja, pelo uso de um pronome anafórico que retoma o referente, como vemos no excerto:

(21) - **“Ela”** foi?
- Foi sim, respondeu Catarina empurrando a porta do quarto de seu filho.

Catarina vai direto para o quarto do filho e o encontra brincando distraidamente. O garoto, uma criança magra e nervosa, é referido em (22) e (23) pelo pronome *e/le*:

(22) ... mas quase aos quatro anos falava como se desconhecesse verbos: constatava as coisas com frieza, não as ligando entre si. Lá estava **ele** mexendo na toalha molhada, exato e distante.

(23) ... mamãe! disse o menino. Catarina voltou-se rápida. Era a primeira vez que **ele** dizia 'mamãe' nesse tom, sem pedir nada.

O mesmo ocorre em (24): o uso do pronome *e/le* constitui uma pronominalização anafórica, uma vez que retoma o referente Antônio, já introduzido no discurso anteriormente e, nesse caso, enfatiza o termo Antônio, reforçando a idéia de que ele era o responsável pelo sábado e que apenas ele poderia decidir o que fazer nesse dia.

(24) Porque sábado era só seu, mas **ele** queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto **ele** tomava o seu sábado.

Em (25) e (26) os pronomes *e/le* e *ela* retomam, respectivamente, Antônio e Catarina.

(25) Mas **ele** a olhara da janela, vira-a andar depressa de mãos dadas com o filho, e dissera-se: **ela** está tomando o momento de alegria – sozinha.

(26) Às vezes **ele** procurava humilhá-la, entrava no quarto enquanto **ela** mudava de roupa porque sabia que ela detestava ser vista nua.

Como dissemos anteriormente, o uso das estratégias de referenciação garante a formação de cadeias coesivas, permitindo a progressão referencial do texto e a construção de sentidos do mesmo, que será tratada no item 3.2 do trabalho.

3.1.2 *Feliz aniversário*

Feliz aniversário é o segundo conto de Clarice Lispector que nos propomos a analisar. Seu tema, bem como em *Os laços de família*, explicita o relacionamento familiar, porém, entendido como um relacionamento divergente, visto que os filhos e noras da aniversariante estão ali apenas para cumprir um protocolo. Esses familiares só se encontram uma vez ao ano, por ocasião do aniversário da mãe, mantendo um distanciamento entre si e com a mãe.

Durante sua festa de aniversário, D. Anita analisa cada um dos filhos e noras ao mesmo tempo que reflete sobre sua relação com eles. Dessa reflexão surge a confirmação de que os laços estavam rompidos e que todos aqueles familiares eram seres “ocós”.

Passaremos, então, a observar a relevância das estratégias de referenciação para a construção de sentidos do conto *Feliz aniversário*, verificando de que maneira tais estratégias podem auxiliar o leitor a construir sentidos sobre esses laços familiares divergentes.

3.1.2.1 As nominalizações

O conto tem início com a chegada dos convidados para a festa de aniversário de D. Anita, quando o enunciador passa a delinear os laços de parentesco entre esses convidados e a aniversariante. Destacamos no trecho que segue (27) as expressões definidas que introduzem os referentes.

(27) **A nora de Olaria** apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. **O marido** não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara **sua mulher** para que nem todos os laços fossem cortados...

A nominalização *a nora de Olaria em (27)* constrói o referente que, em seguida vai ser desativado, dando lugar à introdução de um novo referente – o *marido*. Ressaltamos que, quando um referente é desativado ele permanece na

memória discursiva do leitor, podendo ser reativado quando se fizer necessário. Na seqüência, ocorre a reativação do referente então retomado pela nominalização *sua mulher*.

Outras nominalizações, em especial as expressões nominais definidas, evidenciam os laços de parentesco entre os convidados da festa. Destacamos em negrito as nominalizações que apontam para tais laços:

(28) Depois veio **a nora de Ipanema** com dois netos e a babá. **O marido** viria depois. Como Zilda – **a única mulher** entre seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante...

Assim, por meio das nominalizações usadas pelo enunciador, as relações de parentesco vão se mostrando ao longo do texto, sempre tendo como ponto de referência a aniversariante. No fragmento abaixo (29), destacamos a expressão definida que introduz um novo referente, Zilda, a filha da aniversariante.

(29) Tendo Zilda – **a filha** com quem a aniversariante morava – disposto as cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara ...

Os termos destacados revelam relações de parentesco da aniversariante com dois entes distintos: a nora e a filha que, por ser a única filha mulher entre seis irmãos homens, fora escolhida para cuidar da mãe. Também a expressão definida *a dona da casa* acrescenta informações ao referente Zilda, recategorizando-o:

(30) Zilda, **a dona da casa**, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel coloridos...

Até esse trecho do texto, os relacionamentos familiares assinalam relações de divergência entre os membros da família, divergências que são confirmadas à medida que o texto progride.

A seguir, a nominalização o *expediente* evidencia ao leitor uma informação bastante relevante para a construção dos sentidos do conto: o aniversário de D. Anita não passava de um motivo de visita rápida, um protocolo. O trecho destacado confirma nossa afirmação:

(31) E, para adiantar o **expediente**, vestira a aniversariante logo depois do almoço...

A partir do momento em que o filho mais velho chamara a atenção dos demais para a aniversariante, essa passa a ser referida no texto como *a velha*, acentuando a impessoalidade do relacionamento entre ela e seus parentes. Tal distanciamento fica ainda mais evidente no trecho em que o enunciador, ao utilizar a expressão nominal indefinida *uma surda*, coloca a aniversariante como alguém que se mostra alheio aos convidados e à festa:

(32) **A velha** não se manifestava.
Então, como se todos tivessem tido a prova final de que não adiantava se esforçarem, com um levantar de ombros de quem estivesse junto de **uma surda**, continuaram a fazer a festa sozinhos, comendo os primeiros sanduíches de presunto mais como prova de animação que por apetite, brincando de que todos estavam morrendo de fome.

Os exemplos (31) e (32) assinalam que a festa da aniversariante não passava, de fato, do cumprimento de um protocolo, uma vez que a família não podia romper os laços, mas também deixava transparecer que a data era apenas um ritual que deveria ser cumprido. A solidão da aniversariante, categorizada como surda confirma nossa afirmação.

A aniversariante recebe, no momento em que todos cantam parabéns, algumas outras recategorizações, como, por exemplo, mãe, vovó e D. Anita. Entendemos que essas recategorizações ocorrem porque e mesmo referente é visto sob diferentes perspectivas, que implicam, portanto, diferentes categorizações. Os diversos pontos de vista permitem que as categorias sejam

reavaliadas e transformadas. Assim, a aniversariante é mamãe para os filhos, vovó para os netos e D. Anita para a vizinha que chegara para a festa:

- (33) - Viva **mamãe!**
- Viva **vovó!**
- Viva **D. Anita**, disse a vizinha que tinha aparecido.

A partir desse momento, a aniversariante vai assumir outra categoria, sendo agora a mãe, como demonstra o excerto seguinte:

- (34) Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era **a mãe**. A aniversariante piscou. Eles se mexiam agitados, rindo a sua família. E ela era **a mãe** de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era **a mãe** de todos e impotente à cabeceira, desprezava-os.

Nesse momento, também, a aniversariante, agora nomeada como *a mãe*, passa a analisar sua relação com os familiares, evidenciando seu sentimento de repulsa por todos eles, exceto por Rodrigo, o neto de sete anos, único na família por quem a aniversariante sentia amor. Destacamos no trecho que segue, duas nominalizações, com valor metafórico, que se referem à aniversariante e aos seus familiares, respectivamente:

- (35) **O tronco** fora bom. Mas dera **aqueles azedos e infelizes frutos**, sem capacidade sequer para uma boa alegria.

Depois de cantarem parabéns, a aniversariante prossegue sua análise dos filhos “já crescidos”, entendendo-os como seres fracos, incapazes sequer de escolherem suas esposas. Tal constatação faz com que D. Anita cuspa no chão, causando, a princípio, o espanto de Zilda.

Ainda que a velha os repudiasse e, como exemplo dessa repulsa, cuspiisse no chão, ninguém fez conta de sua atitude, entendendo que, com oitenta e nove anos, já não tinha mais juízo, comparando-se, pois, a uma criança. Essa opinião, compartilhada por todos os integrantes da família, fica muito evidente no fragmento abaixo:

(36) Mas seu enorme vexame suavizou-se quando ela percebe que eles abanavam a cabeça como se estivessem de acordo com a **velha**, não passava agora de **uma criança**.

O mesmo ocorre com a expressão definida *as pessoas*, dois parágrafos adiante, referindo-se igualmente a todos os convidados da festa, como observamos no exemplo (37).

(37) **As pessoas** ficaram sentadas benevolentes. Algumas com a atenção voltada para dentro de si...

Passado esse momento crítico, no qual quase ocorreu uma tragédia, a festa vai chegando ao final, e a mãe, após analisar seus filhos, noras e netos, volta a ser a aniversariante, como um sinal de que as relações impessoais estariam de volta, uma vez que a hora da despedida estava próxima. Ainda no final da festa, enquanto os familiares se despedem da aniversariante, a velha olha mais uma vez para seu neto Rodrigo.

No trecho que segue, a expressão definida *o neto da aniversariante* não apenas remete ao referente Rodrigo, como também, a escolha de seu nome-núcleo (neto) adquire um tom avaliativo, confirmando para o leitor que apenas ele, Rodrigo, desfrutava do amor da avó.

(38) E, para nunca mais, nenhuma vez repetir – enquanto Rodrigo, **o neto da aniversariante**, puxava a mão daquela mãe culpada, perplexa e desesperada que mais uma vez olhou para trás...

Já o exemplo (39) assinala que D. Anita não sentia pelas outras crianças da família o mesmo amor que sentia por Rodrigo, uma vez que essas são referidas apenas pela expressão definida *as crianças*, ressaltando um relacionamento distante entre elas e a aniversariante.

(39) **As crianças pequenas**, com a boca escondida pela mesa e os olhos ao nível desta, acompanhavam a distribuição com

muda intensidade. As passas rolavam do bolo em farelos secos. **As crianças** angustiadas viam desperdiçarem as passas...

No final da festa, no momento da despedida, os filhos de D. Anita afirmam, ironicamente, que tê-la como mãe era para todos um motivo de orgulho, um privilégio. Na seqüência, a ironia se confirma quando o enunciador ressalta não se tratar de um privilégio, nem de um orgulho, mas sim, como evidencia a expressão definida *o mal-estar da despedida*, um momento constrangedor no qual os filhos não sabiam ao certo o que dizer.

(40) Não era nada disso, apenas **o mal-estar da despedida**, nunca se sabendo ao certo o que dizer, José esperando de si mesmo com perseverança e confiança a próxima frase do discurso.

O conto aborda a questão dos relacionamentos familiares de forma divergente, evidenciando a relação distante de D. Anita com sua família. Esse distanciamento fica evidente ao leitor logo no início do conto. No exemplo a seguir (39), destacamos em negrito o rótulo prospectivo utilizado pelo enunciador para evidenciar ao leitor as divergências entre os filhos da aniversariante.

(41) A nora de Olaria pareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por **razões óbvias**: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados...

Entendemos que a expressão *razões óbvias* funciona como um rótulo prospectivo, uma vez que sinaliza antecipadamente ao leitor o que virá a seguir. Também aí as relações familiares vão se mostrando, evidenciando que o relacionamento entre os irmãos não era muito bom.

Bastante relevante para a construção dos sentidos do texto é o fato de a mãe, no início do conto, ser referida como a aniversariante, o que aponta para um relacionamento distante entre ela e a família. A aniversariante estava sentada à

cabeceira da mesa há muito tempo, calada, enquanto a dona da casa – Zilda – se encarregava dos preparativos para a festa. A angústia e a solidão da aniversariante são explicitadas pelo rótulo prospectivo *aquela angústia muda*. Tal estratégia aponta para a porção seguinte do texto, predizendo-a, ao mesmo tempo que a escolha do nome-núcleo *angústia* salienta ao leitor o sentimento da aniversariante.

- (42) E de vez em quando **aquela angústia muda**: quando acompanhava, fascinada e impotente, o vôo da mosca em torno do bolo.

Ao se despedirem da mãe, José diz, quase ironicamente, que comemorar o aniversário da mãe já tão idosa era *um orgulho* e *um privilégio* para a família. Em seguida, o rótulo retrospectivo *esse grande privilégio* complementa a afirmação feita por José. Os fragmentos abaixo comprovam nossa afirmação:

- (43) - Nem todos têm **o privilégio** e **o orgulho** de se reunirem em torno da mãe...

- (44) - Nós temos, disse Manoel acabrunhado sem mais olhar para a esposa. Nós temos **esse grande privilégio**, disse distraído...

Depois de terminada a festa, os convidados já haviam descido as escadas do prediozinho onde D. Anita morava com Zilda, e se reuniram na calçada para trocarem as últimas palavras de despedida. Nesse momento, as expressões definidas introduzem no discurso vários referentes, evidenciando, mais uma vez, a progressão referencial do texto, como vemos a seguir:

- (45) **As crianças** foram saindo alegres, com o apetite estragado. **A nora de Olaria** deu um cascudo de vingança no filho alegre demais e já sem gravata. **As escadas** eram difíceis, escuras, incrível insistir em morar num prediozinho que seria fatalmente demolido...

As nominalizações destacadas em negrito, no trecho acima, demonstram a seqüência em que as estratégias de referenciação são utilizadas no texto.

Inicialmente ocorre a introdução do referente por meio da expressão definida *as crianças* que, em seguida, é desativado ao mesmo tempo em que o novo referente *a nora de Olaria* é introduzido no discurso. Finalmente, esse último é desativado e tem-se a introdução do referente *as escadas*.

O conto termina com os familiares de D. Anita se despedindo rapidamente e questionando se, de fato, poderiam se reunir no próximo ano para comemorar mais um aniversário, se a velha não morresse até lá. Enquanto isso, lá em cima, no apartamento de Zilda, a aniversariante continuava sentada à cabeceira da mesa.

3.1.2.2 As pronominalizações

O uso do pronome anafórico *todos*, em (46) e (47), retoma os referentes citados anteriormente, ou seja, os familiares da aniversariante, permitindo, ao mesmo tempo, a progressão textual. Também o pronome anafórico *eles*, em (48) retoma, a uma só vez, todos os filhos de D. Anita presente na festa.

(46) Todos se entreolharam polidos, sorrindo cegamente, como se um cachorro tivesse feito pipi na sala. Com estoicismo, recomeçaram as vozes e risadas.

(47) (...) divertida, Dorothy deu o vinho: astuciosamente apenas dois dedos do copo. Inexpressivos, preparados, **todos** esperaram pela tempestade.

(48) Eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo (...). Era um instante que pedia para ser vivo.

Assim também ocorre com os pronomes *ela* e *ele*, em (49) e (50), que retomam, respectivamente, os referentes *a nora de Olaria*, e *Jonga*, o filho já falecido de D. Anita.

(49) A nora de Olaria, que tivera seu primeiro momento de unísono com os outros (...). De sua cadeira reclusa, **ela**

analisava crítica aqueles vestidos sem nenhum modelo, sem um drapejado...

- (50) Como Jonga fazia falta nessas horas! Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara (...) E quando **ele** morrera, a velha nunca mais falara nele, pondo um muro entre sua morte e os outros.

No exemplo (51), os pronomes destacados em negrito referem-se, respectivamente, à Zilda – a filha com quem a aniversariante morava – e aos seus irmãos:

- (51) Mas ninguém elogiou a idéia de Zilda, e **ela** se perguntou se **eles** não estariam pensando que fora por economia de velas...

Sentada à cabeceira da mesa, a aniversariante observava, calada, seus familiares e refletia sobre a questão da maternidade, interrogando-se sobre como ela pudera criar seres tão infelizes e “ocos”. O pronome *ela*, em (52), não apenas retoma o referente D. Anita, como também ressalta a idéia de que ela era a responsável por aqueles filhos que, nesse momento, eram analisados.

- (52) **Ela** era a mãe de todos.

Da mesma forma, o pronome *ela*, no exemplo (53), enfatiza a idéia da maternidade e, principalmente, da responsabilidade de D. Anita sobre aqueles seres.

- (53) Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, **ela** era a mãe.

Assim, esse recurso denominado pronominalização anafórica pode ser utilizado, segundo Conte (2003, p. 162), *por exigência da norma, a qual proscreeve a repetição à curta distância de uma mesma palavra, especialmente, na escrita*. Porém, em alguns casos, a escolha pelo uso da pronominalização pode evidenciar uma ênfase em determinado referente, como vimos nos exemplos (52) e (53).

Não temos a pretensão de esgotar a questão do uso das estratégias de referência nos contos de Clarice Lispector; ressaltamos nos contos analisados as ocorrências mais significativas para a construção dos sentidos desses textos.

3.2 Construindo sentidos para os contos

Retomamos, aqui, nossa concepção de leitura na qual os sentidos não estão nem no texto nem no leitor, mas são construídos por meio da interação entre ambos. Nessa perspectiva interativa, o leitor é entendido como um sujeito participante ativo no ato de ler.

Dessa forma, à luz das análises realizadas nas seções anteriores de nosso trabalho, apresentaremos uma construção de sentidos possível para cada um dos contos selecionados.

3.2.1 *Os laços de família*

O título *Os laços de família* dá ao leitor uma indicação sobre o tema do conto: as relações familiares. Tais relações vão sendo reveladas desde o início do conto.

Inicialmente duas personagens femininas são mostradas ao leitor: a mulher e a mãe, como vemos em (1). Assim, passamos a saber de um primeiro relacionamento familiar entre mãe e filha. Severina passara algum tempo na casa da filha e, por ocasião de sua partida, essa a acompanha até a estação de trem. No táxi, a caminho da estação, elas pouco conversam, o que nos indica que a relação entre a mãe e a filha já adulta é distante. Tais laços maternos podem ter sido cortados pelo casamento da filha e, também, pelo distanciamento físico entre ambas, uma vez que moram longe, possivelmente em cidades distantes.

A caminho da estação, a mãe se questiona inúmeras vezes se não teria esquecido nada, conferindo se trouxera todos os seus pertences. Após a freada, quando ocorre a proximidade física entre ambas, entendemos que, de fato, Severina esquecera desse relacionamento próximo entre mãe e filha.

Na seqüência, percebemos, também, que o relacionamento entre a sogra, que passara alguns dias na casa da filha, e o genro é tenso, como nos indica o exemplo (3). Durante todo o tempo que Severina estivera na casa da filha, sogra e genro se suportaram, denunciando tal relação tensa entre ambos.

Esse relacionamento nem sempre fora assim, uma vez que antes do casamento o genro tencionava se relacionar bem com a sogra, mas a relação torna-se difícil depois do casamento, como nos mostra (4). O uso da pronominalização “ela” acrescido de aspas em (21), evidencia que o genro, que não fora com a esposa à estação, deseja confirmar que a sogra partira, porém, não se refere à sogra como Severina, mas como *ela*.

Ao serem lançadas uma contra a outra dentro do táxi, ocorre o momento de epifania, comum em muitos contos de Clarice Lispector. Ambas ficam constrangidas, pois essa proximidade física, comum entre mães e filhos pequenos, havia sido esquecida pelas duas mulheres. Tal aproximação ilumina a existência de Catarina e faz com ela se lembre que, mesmo em sua infância, não tivera uma ligação muito próxima com sua mãe, sendo “mais parecida” com o pai.

Tal proximidade faz, também, com que Catarina reflita sobre a maternidade e preste atenção em seu relacionamento com o filho, um garoto ainda pequeno que brincava no quarto quando a mãe chegou ao apartamento, de volta da estação. Ao ouvir o filho pronunciar a palavra “mamãe”, Catarina decide sair para passear com o filho.

Observamos, aí, uma marca do existencialismo, filosofia cujos preceitos são abordados em muitos contos clariceanos. Segundo essa corrente filosófica, o

ser humano é livre para escolher suas atitudes. Nesse sentido, Catarina escolhe quebrar a rotina do lar e do casamento e sai para passear com o garoto.

O marido, que não fora com ela à estação, pois costumava passar os sábados em casa lendo, apenas recebe o comunicado sobre a saída de ambos e observa, perplexo, a atitude de Catarina, questionando-se sobre o que poderia ter levado “sua mulher” a fazer tal coisa. Na verdade, tal perplexidade se justifica pelo fato de Catarina ser uma mulher que não costumava expressar sua opinião. Essa postura passiva de Catarina diante das regras impostas pelo marido é evidenciada no exemplo (13): ela era uma mulher “que nunca falava propriamente”.

Entendemos, então, que na casa de Catarina quem estabelecia a rotina a ser seguida era Antônio, tal como nos evidenciam os termos “sua mulher” e “seu sábado”. O sentimento de posse de Antônio, expresso em (11), também se evidencia pelo uso das pronominalizações em (24): “mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado.”

Da janela de seu apartamento, o marido observa mãe e filho caminhando pela rua de mãos dadas. Porém, à medida que eles caminham, passam a ser entendidos como “as duas figuras”, revelando não apenas um distanciamento físico, mas também um rompimento das relações familiares.

Se, por um lado, esse laço entre marido e mulher se rompeu, por outro lado houve um estreitamento dos laços maternos de Catarina com seu filho e até, uma aproximação de Catarina com sua mãe por ocasião da freada do táxi. O fato de Catarina segurar fortemente a mão do filho durante seu passeio indica ao leitor uma proximidade física entre ambos.

Tal proximidade física entre Catarina e o garoto faz com que Antônio note que entre eles houve um estreitamento dos laços, uma cumplicidade entre mãe e filho, algo que apenas pode ser sentida por ambos, um “o mistério partilhado” como nos evidencia (14).

Apesar do fato de Catarina decidir quebrar a rotina do lar surpreender o marido, ele pretende, à noite, quando sua esposa retornar com o filho, retomar tal rotina, na qual ele é o responsável pelas decisões.

3.2.2 Feliz aniversário

Feliz aniversário é um conto que, tal como *Os laços de família*, discute as relações familiares. Nesse conto, essas relações vão se vislumbrando por ocasião da festa de aniversário de D. Anita, que comemora seus oitenta e nove anos reunindo todos os seus familiares: filhos, noras e netos.

A chegada de cada um dos familiares à festa permite ao leitor reconhecer tais relações. A primeira a chegar é “a nora de Olaria” com seus três filhos. Ela viera para representar o marido, filho da aniversariante, que não viria para não encontrar com os irmãos. Tal nora não recebe um nome no texto, sendo sempre chamada de “a nora de Olaria”, como nos mostra o exemplo (27). A falta de um nome próprio para a personagem e a escolha do termo “nora” evidenciam um relacionamento conturbado entre ela e os outros membros da família.

Depois chega “a nora de Ipanema” acompanhada de seus dois filhos pequenos e da babá; seu marido “viria mais tarde”. Essa nora, assim como a outra, não recebe um nome, sendo sempre mencionada como “a nora de Ipanema”. Nenhuma das noras tem nome no conto, sendo diferenciadas uma das outras pelos modificadores que acompanham o termo “nora” (mais nova, de Olaria, de Ipanema).

Nesse começo do conto fica claro para o leitor que os irmãos, filhos da aniversariante, não mantinham uma relação harmoniosa entre si, visto que um deles mandara a mulher para representá-lo (para não encontrar os irmãos) e o outro viria “mais tarde”, certamente mais no final da festa. Também o

relacionamento das noras entre si e com a sogra não era amistoso, pois nenhuma delas conversa propriamente durante a festa.

Zilda era a única filha mulher de D. Anita e, segundo os irmãos, a única que tinha “espaço e tempo para alojar a aniversariante”, por isso ficara determinado que ela cuidaria da mãe. Essa atitude dos filhos aponta para um relacionamento igualmente distante e negligente dos filhos com a mãe.

A aniversariante estava pronta para a festa desde o início da tarde, muda à cabeceira da mesa, sem conversar com ninguém. A expressão nominal “aquela angústia muda” (42) assinala que D. Anita tinha consciência do relacionamento distante que mantinha com os filhos.

O fato de D. Anita não dizer nada aos filhos durante toda a festa foi interpretado por todos como um indício de que, talvez, ela já não ouvisse bem, devido à idade avançada, sendo entendida, portanto, como “uma surda” (32). Para o leitor, porém, é possível entender que o silêncio da aniversariante não se devia à surdez, mas à falta de assunto e de proximidade que a separava dos filhos e noras. A suspeita sobre a falta de lucidez da velha se confirma quando, após seu longo silêncio, a aniversariante pede à neta pequena um copo de vinho, provocando na família uma surpresa.

Essa festa era, para os familiares de D. Anita, um expediente, algo que se tem que cumprir. Sentada ali, a aniversariante refletiu sobre sua família e notou que seus parentes eram “ocos”, pessoas inexpressivas e que, apesar de ela ser “a mãe de todos”, eles não a amavam. Por meio de uma metáfora se evidencia a opinião de D. Anita sobre seus familiares, como vimos no exemplo (35): “O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos”.

Refletindo sobre seus familiares, a aniversariante que, ao longo do texto, é, por muitas vezes, referida como “a velha”, cospe no chão em sinal de repulsa por todos. Tal repulsa é o resultado da análise da velha sobre seus familiares.

Porém, essa atitude foi interpretada pelos filhos como se D. Anita já não estivesse lúcida o bastante para ter noção sobre seus atos. Na verdade, era mais do que isso, os filhos e noras não se importavam com a aniversariante, estando ali apenas para cumprir uma obrigação.

Ao final da noite, a festa se encerra e a única aproximação dos convidados com a aniversariante é o beijo que cada um lhe dá por ocasião da despedida. Ainda na despedida, o filho José procurou uma frase para dizer à mãe diante dos familiares e encontrou-a dizendo “até o ano que vem”. Essa “indireta feliz” evidencia que o próximo encontro com a mãe seria no ano seguinte, quando os filhos e noras cumpririam novamente o protocolo da festa de aniversário de D. Anita.

A análise desse conto salienta ao leitor, assim como em *Os laços de família*, a questão das relações familiares. Porém, tais relações são divergentes, apresentando laços familiares cortados, em especial, os laços maternos.

Entendemos que as análises realizadas nesse capítulo procuraram confirmar a relevância das estratégias de referenciação para a construção de sentidos do texto. Conforme já mencionamos na seção 1.4 de nosso trabalho, a construção de sentidos ocorre por meio da interação entre o produtor do texto, que deixa pistas para o seu leitor que, por sua vez, sendo um participante ativo no processo de leitura, segue essas pistas empenhando-se para processar esse texto. Para seguir essas pistas, o leitor utiliza vários conhecimentos, entre eles, as estratégias de referenciação.

Assim, nesse capítulo, acreditamos ter alcançado nossos objetivos de pesquisa: verificamos a ocorrência das estratégias de referenciação nos contos selecionados e refletimos sobre a relevância do processo de referenciação para a construção de sentidos do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as dificuldades que os alunos brasileiros apresentam, especialmente, em relação à leitura, buscamos, ao longo desta dissertação,

refletir sobre o uso das estratégias de referência como uma possibilidade para o aprimoramento da leitura.

Para ilustrar as dificuldades dos alunos no tocante à leitura, apresentamos os resultados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos). Esse teste avaliativo realizado com jovens de vários países mostrou que os alunos brasileiros não conseguem construir sentidos adequados para os textos que lêem. Os resultados apontam para a necessidade de se preparar melhor os alunos do Ensino Fundamental, em especial os das séries finais desse ciclo, aprimorando seu desempenho na leitura.

A Lingüística Textual, em consonância com os apontamentos dos PCN, concebe a leitura como uma atividade comunicativa e interativa, na qual os sentidos não estão prontos no texto, mas são construídos no curso da interação texto/leitor. Nessa mesma direção, o referido documento assinala que o ato de ler deve ser entendido como um processo que ultrapassa a decodificação de palavras, pressupondo, pois, um leitor capaz de construir sentidos para os textos que lê e, portanto, capaz de interagir nos diversos contextos de interação comunicativa.

Diante dessa concepção interacionista de leitura, o leitor desempenha um papel de sujeito agente no processo de leitura, necessitando ativar seus conhecimentos lingüísticos, como, por exemplo, o domínio do vocabulário e das regras de uso da língua. Todos esses conhecimentos são ativados de forma estratégica para que ele possa construir sentidos nos textos.

Lembramos que o desempenho na leitura varia de acordo com as experiências, crenças e valores individuais do leitor. Idade e nível de escolaridade representam igualmente fatores que contribuem para uma leitura adequada. Sabemos, porém, que a prática pedagógica nas aulas de leitura, muitas vezes se distancia da concepção interacionista, pressupondo o texto como portador de um

sentido fechado, sentido esse que o professor entende como sendo o único possível e que o aluno deve atingir.

Pensando numa possibilidade de melhoria para o ensino de leitura, recorreremos aos conceitos de referenciação e construção de sentidos para subsidiar nosso trabalho. Na seqüência, buscamos construir um arcabouço teórico que fundamentou as análises dos contos selecionados, considerando autores que abordam, em especial, o conceito de referenciação e a questão da construção de sentidos no texto.

Nosso pressuposto inicial partia da premissa de que as estratégias de referenciação desempenham papel de extrema importância para a interpretação do texto, à medida que permitem não apenas que o leitor identifique os objetos-de-discurso no texto, como também perceba o teor argumentativo que o enunciador imprime a esse texto por meio da escolha dos nomes-núcleo, fator que, de igual maneira, auxilia na construção dos sentidos do texto.

Partindo desse pressuposto, surgiram os objetivos de nosso trabalho:

1. verificar como se dá a ocorrência das estratégias de referenciação nos contos *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, de Clarice Lispector;
2. refletir sobre como o processo de referenciação pode auxiliar o leitor na construção de sentidos do conto literário.

Acreditamos que nossos objetivos foram atingidos, pois as análises dos contos apontaram para a ocorrência significativa das estratégias de referenciação nesses textos, permitindo constatar que tais estratégias constituem uma possibilidade de construção de sentidos nesses contos, uma vez que as expressões referenciais podem fornecer pistas ao leitor, levando-o a reconstruir os sentidos tencionados pelo enunciador.

As análises dos contos igualmente evidenciaram que as escolhas lexicais do produtor do texto, além de permitirem a construção de sentidos, carregam um teor argumentativo, permitindo ao leitor conhecer as intenções do produtor. Melhor dizendo, entendemos que a opção do enunciador por esse ou aquele nome-núcleo não é aleatória, ao contrário, tal escolha se baseia na intenção argumentativa do mesmo, sendo, pois, um indicativo para o leitor sobre a opinião do enunciador. Ressaltamos, ainda, que o mesmo objeto-de-discurso pode ser recategorizado ao longo do texto, apontando para diferentes possibilidades de se enxergar uma mesma cena.

Podemos dizer, portanto, que os fundamentos teóricos selecionados para subsidiar nosso trabalho foram adequados às análises dos contos literários, visto que apontaram as estratégias de referenciação como uma possibilidade para a construção de sentidos nos textos. Entendemos que as estratégias de referenciação representam uma valiosa contribuição para o aprimoramento das aulas de leitura, em especial, nas séries finais do Ensino Fundamental e que, alidas a outros conhecimentos dos alunos os levariam a ser leitores competentes.

Não pretendemos com esta dissertação esgotar os estudos sobre a referenciação, outrossim, entendemos que nosso trabalho abre perspectivas para novos estudos, podendo representar um instrumento valioso para o ensino de leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin e CAMPEDELLI, Samira Youssef. Tempos da literatura brasileira. São Paulo: Ática, 1986, p. 271-74.

APOTHÉLOZ, Denis e CHANET, Catherine. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 131-76.

_____. Defini et démonstratif dans lês nominalization. In: DE MULDER, Walter & VETTERS, Carl (eds.). *Relations anaphoriques et (in)coherence*. Amsterdam: Rodopi, 1997, p. 159-86.

_____ & REICHLER- BÉGUELIN, M.-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A. e REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (eds.). *Du sintagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-71.

ARANHA, Maria Lúcia de A. e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando – Introdução à filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 1999.

BORGES NETO, José. Semântica de modelos. In: MÜLLER, Ana Lúcia; V. NEGRÃO, Esmeralda e FOLTRAN, Maria José (orgs.). *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. Vol. 5. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTE, Mônica M. Demonstrativos – uma condição de saliência. In: BRITO, Mariza A. P. (org.). *Gêneros textuais e referenciação*. Fortaleza: Prottexto – UFC, CD-Rom, 2004.

_____. *A construção do referente no discurso*. Texto apresentado no módulo de formação continuada, publicado pela Fundação Demócrito Rocha. Fortaleza, 2003.

_____. As nomeações em diferentes gêneros textuais. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos, nº 41. Campinas: IEL/Editora da UNICAMP, 2001, p. 127-40.

_____. RODRIGUES, Bernadete B. e CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica M, RODRIGUES, Bernadete B. e CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

D'ONÓFRIO, Salvatore. *Teoria do texto*. São Paulo: Ática, 1995.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical em grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica M; RODRIGUES, Bernadete B e CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*, São Paulo: Editora Contexto, 2003, p. 191-228.

GOTLIB, Nádía Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

GUIMARÃES, Maria Flora. O conto popular. In: *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. Vol. 5. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

JOLLES, André. *Formas simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

KOCH, Ingedore G.V. e ELIAS, Vanda M. *Ler e compreender*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore G.V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria e BENTES, Anna Christina (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005a, p. 33-52.

_____. *O texto e a construção de sentidos*. 8 ed. São Paulo, 2005b.

_____. *Introdução à Lingüística Textual*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2004a.

_____. *Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial*. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires. *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004b, p. 244-62.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002a.

_____. *A construção de objetos-de-discurso*. Revista Latino americana de estudios del discurso. Venezuela: Editorial Latina, vol. 2, nº 1, 2002 b, p. 7-20.

_____. Expressões nominais indefinidas e progressão referencial. *Revista Planalto*, Brasília, n. 1, 2000, p.118-25.

_____. Segmentação: uma estratégia de construção do texto falado. In: NEVES, M.H.M. (org.) *Gramática do Português falado*, Campinas: UDUNICAMP/Humanitas, 1999, p. 29-52.

_____ & MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Processos de referenciação na produção escrita*. D.E.L.T.A, 14, 1998, p. 169-90.

LIMA, Danielle Guglieri. *A manifestação da oralidade na literatura regionalista de João Simões Lopes neto: Os Contos Gauchescos*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *O primeiro beijo e outros contos (Antologia)*. São Paulo: Ática, 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José e OLIVEIRA, Roberta Pires de (orgs.). *Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004, p.263-84.

MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, Mônica M, RODRIGUES, Bernadete B. e CIULLA, Allena. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 85 -130.

MOISÉS, MASSAUD. *A criação literária – Introdução à Problemática da Literatura*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1967.

MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. Construção de objetos-de-discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica M; RODRIGUES, Bernadete B e CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.17-52.

_____. Construction des objets du discours et categorization: une approche des processus de référenciation. In: BERRENDONNER, A. & REICHECLER-BÉGUELIN. *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel, Université de Neuchâtel, 1995, p. 273-305.

OLÍMPIO, Hilda de Oliveira. *Nominalização, memória discursiva e argumentação*. Texto resultante da comunicação apresentada no VII Fórum de estudos lingüísticos,(UFES/ nov), 2005.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto*. trad. Jaime Ferreira e Vítor Oliveira. Lisboa: Editorial Veja, 1983.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, (s/d)

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 2005.

ANEXOS

____ Texto 1 _____

Os laços de família

A mulher e a mãe acomodaram-se finalmente no táxi que as levaria à Estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de que ambas estavam no carro. A filha, com seus olhos escuros, a quem um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza –assistia.

- Não esqueci de nada? perguntava pela terceira vez a mãe.

- Não, não, não esqueceu de nada, respondia a filha divertida, com paciência.

Ainda estava sob a impressão da cena meio cômica entre sua mãe e seu marido, na hora da despedida. Durante as duas semanas da visita da velha, os dois mal se haviam suportado; os bons dias e as boas tardes soavam a cada momento como uma delicadeza cautelosa que a fazia querer rir. Mais eis que na hora da despedida, antes de entrarem no táxi, a mãe se transformara em sogra exemplar e o marido se tornara um bom genro. “Perdoe alguma palavra mal dita”, dissera a velha senhora, a Catarina, com alguma alegria, vira Antônio não saber o que fazer das malas nas mãos, a gaguejar – perturbado em ser o bom genro. “Se eu rio, eles pensam que estou louca”, pensara Catarina franzindo as sobrancelhas. “Quem casa um filho perde um filho, quem casa uma filha ganha mais um”, acrescentara a mãe, e Antônio aproveitara sua gripe para tossir. Catarina, de pé, observava com malícia o marido, cuja segurança se desvanecera para dar lugar a um homem moreno e miúdo, forçado a ser filho daquela mulherzinha grisalha... Foi então que a vontade de rir tornou-se mais forte. Felizmente nunca precisava rir de fato quando tinha vontade de rir: seus olhos tomavam uma expressão esperta e contida, tornavam-se mais estrábicos – e o riso saía pelos olhos. Sempre doía um pouco ser capaz de rir. Mas nada podia fazer contra: desde pequena rira pelos olhos, desde sempre fora estrábica.

- Continuo a dizer que o menino está magro, disse a mãe resistindo aos solavancos do carro. E apesar de Antônio não estar presente, ela usava o mesmo tom de desafio e acusação que empregava diante dele. Tanto que uma noite

Antônio se agitara: não é por culpa minha, Severina! Ele chamava a sogra de Severina, pois antes do casamento projetava serem sogra e genro modernos. Logo à primeira visita da mãe ao casal, a palavra Severina tornara-se difícil na boca do marido, e agora, então, o fato de chamá-la pelo nome não impediria que ... – Catarina olhava-os e ria.

- O menino sempre foi magro, mamãe, respondeu-lhe.

O táxi avançava monótono.

- Magro e nervoso, acrescentou a senhora com decisão.

- Magro e nervoso, assentiu Catarina paciente.

Era um menino nervoso, distraído. Durante a visita da avó tornara-se ainda mais distante, dormira mal, perturbado pelos carinhos excessivos e pelos beliscões de amor da velha. Antônio que nunca se preocupara especialmente com a sensibilidade do filho, passara a dar indiretas à sogra, “a proteger uma criança”...

- Não esqueci de nada..., recomeçou a mãe, quando uma freada súbita do carro lançou-as uma contra a outra e fez despencarem as malas. Ah! ah!, exclamou a mãe como a um desastre irremediável, ah! dizia balançando a cabeça em surpresa, de repente envelhecida e pobre. E Catarina?

Catarina olhava a mãe, e a mãe olhava a filha, e também a Catarina acontecera um desastre? seus olhos piscaram surpreendidos, ela ajeitava depressa as malas, a bolsa, procurando o mais rapidamente possível remediar a catástrofe. Porque de fato sucedera alguma coisa, seria inútil esconder: Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe. Apesar de que nunca se haviam realmente abraçado ou beijado. Do pai, sim, Catarina sempre fora mais amiga. Quando a mãe enchia-lhes os pratos obrigando-os a comer demais, os dois se olhavam piscando em cumplicidade e a mãe nem notava. Mas depois do choque no táxi e depois de se ajeitarem, não tinham o que falar – por que não chegavam logo à Estação?

- Não esqueci de nada?, perguntou a mãe com voz resignada.

Catarina não queria mais fitá-la nem responder-lhe.

- Tome suas luvas! disse-lhe, recolhendo-as no chão.

- Ah! ah! minhas luvas! exclamava a mãe perplexa.

Só se espiaram realmente quando as malas foram dispostas no trem, depois de trocados os beijos: a cabeça da mãe apareceu na janela.

Catarina viu então que sua mãe estava envelhecida e tinha os olhos brilhantes.

O trem não partia e ambas esperavam sem ter o que dizer. A mãe tirou o espelho da bolsa e examinou-se no seu chapéu novo, comprado no mesmo chapeleiro da filha. Olhava-se compondo um ar excessivamente severo onde não faltava alguma admiração por si mesma. A filha observava divertida. Ninguém mais pode te amar senão eu, pensou a mulher rindo pelos olhos; e o peso da responsabilidade deu-lhe à boca um gosto de sangue. Como se “mãe e filha” fosse vida e repugnância. Não, não se podia dizer que amava sua mãe. Sua mãe lhe doía, era isso. A velha guardara o espelho na bolsa, e fitava-a sorrindo. O rosto usado e ainda bem esperto parecia esforçar-se por dar aos outros alguma impressão da qual o chapéu faria parte. A campainha da Estação tocou de súbito, houve um movimento geral de ansiedade, várias pessoas correram pensando que o trem já partia: mamãe! disse a mulher. Catarina! Disse a velha. Ambas se olhavam espantadas, a mala na cabeça de um carregador interrompeu-lhes a visão e um rapaz correndo segurou de passagem o braço de Catarina, deslocando-lhe a gola do vestido. Quando puderam ver-se de novo, Catarina estava sob a iminência de lhe perguntar senão esquecera de nada...

- ... Não esqueci de nada? perguntou a mãe. Também a Catarina parecia que haviam esquecido de alguma coisa, e ambas se olhavam atônitas – porque se realmente haviam esquecido, agora era tarde demais. Uma mulher arrastava uma criança, a criança chorava, novamente a campainha da Estação soou... Mamãe, disse a mulher. Que coisa tinham esquecido de dizer uma a outra, e agora era tarde demais. Parecia-lhe que deveriam um dia ter dito assim: sou tua mãe, Catarina. E ela deveria ter respondido: e eu sou tua filha.

- Não vá pegar corrente de ar! Gritou Catarina.

- Ora menina, sou lá criança, disse a mãe sem deixar porém de se preocupar com a própria aparência. A mão sardenta, um pouco trêmula, arranjava

com delicadeza a aba do chapéu e Catarina teve subitamente vontade de lhe perguntar se fora feliz com seu pai:

- Dê lembranças a titia! gritou.

- Sim, sim!

- Mamãe, disse Catarina porque um longo apito se ouvira e no meio da fumaça as rodas já se moviam.

- Catarina! Disse a velha de boca aberta e olhos espantados, e ao primeiro solavanco a filha viu-a levar as mãos ao chapéu: este caíra-lhe até o nariz, deixando aparecer apenas a nova dentadura. O trem já andava e Catarina acenava. O rosto da mãe desapareceu um instante e reapareceu já sem o chapéu, o coque dos cabelos desmanchado caindo em mechas brancas sobre os ombros como as de uma donzela – o rosto estava inclinado sem sorrir, talvez mesmo sem enxergar mais a filha distante.

No meio da fumaça Catarina começou a caminhar de volta, as sobrancelhas franzidas, e nos olhos a malícia dos estrábicos. Sem a companhia da mãe, recuperara o modo firme de caminhar: sozinha era mais fácil. Alguns homens a olhavam, ela era doce, um pouco pesada de corpo. Caminhava serena, moderna nos trajes, os cabelos curtos pintados de acaju. E de tal modo haviam-se disposto as coisas que o amor doloroso lhe pareceu a felicidade – tudo estava tão vivo e tenro ao redor, a rua suja, os velhos bondes, cascas de laranja -, a força fluía e refluía no coração com pesada riqueza. Estava muito bonita nesse momento, tão elegante; integrada na sua época e na cidade onde nascera como se a tivesse escolhido. Nos olhos vessos qualquer pessoa adivinharia o gosto que essa mulher tinha pelas coisas do mundo. Espiava as pessoas com insistência, procurando fixar naquelas figuras mutáveis seu prazer ainda úmido de lágrimas pela mãe. Desviou-se dos carros, conseguiu aproximar-se do ônibus burlando a fila, espiando com ironia; nada impediria que essa pequena mulher que andava rolando os quadris subisse mais de um degrau misterioso nos seus dias.

O elevador zumbia no calor da praia. Abriu a porta do apartamento enquanto se libertava do chapeuzinho com a outra mão; parecia disposta a usufruir da largueza do mundo inteiro, caminho aberto pela sua mãe que lhe ardia no peito. Antônio mal levantou os olhos do livro. A tarde de sábado sempre fora

“sua”, e, logo depois da partida de Severina, ele a retomava com prazer, junto à escrivaninha.

- “Ela” foi?

- Foi sim, respondeu Catarina empurrando a porta do quarto de seu filho. Ah, sim, lá estava o menino pensou com alívio súbito. Seu filho. Magro e nervoso. Desde que se pusera de pé caminhara firme; mas quase aos quatro anos falava como se desconhecesse verbos: constatava as coisas com frieza, não as ligando entre si. Lá estava ele mexendo na toalha molhada, exato e distante. A mulher sentia um calor bom e gostaria de prender o menino para sempre a este momento; puxou-lhe a toalha das mãos em censura: este menino! Mas o menino olhava indiferente para o ar, comunicando-se consigo mesmo. Estava sempre distraído. Ninguém conseguira ainda chamar-lhe verdadeiramente a atenção. A mãe sacudia a toalha no ar e impedia com sua forma a visão do quarto: mamãe, disse o menino. Catarina voltou-se rápida. Era a primeira vez que ele dizia “mamãe” nesse tom e sem pedir nada. Fora mais que uma constatação: mamãe! A mulher continuou a sacudir a toalha com violência e perguntou-se a quem poderia contar o que sucedera, mas não encontrou ninguém que entendesse o que ela não pudesse explicar. Desamarrotou a toalha com vigorantes de pendurá-la para secar. Talvez pudesse contar se mudasse a forma. Contaria que o filho dissera: mamãe, quem é Deus? Não, talvez: mamãe, menino quer Deus. Talvez. Só em símbolos a verdade caberia, só em símbolos é que a receberiam. Com os olhos sorrindo de sua mentira necessária, e sobretudo da própria tolice, fugindo de Severina, a mulher inesperadamente riu de fato para o menino, não só com os olhos: o corpo todo riu quebrado, quebrado um invólucro, e uma aspereza aparecendo como uma rouquidão. Feia, disse então o menino examinando-a.

- Vamos passear; respondeu corando e pegando-o pela mão.

Passou pela sala, sem parar avisou o marido: vamos sair! E bateu a porta do apartamento.

Antônio mal teve tempo de levantar os olhos do livro – e com surpresa espiava a sala já vazia. Catarina! Chamou, mas já se ouvia o ruído do elevador descendo. Aonde foram? perguntou-se inquieto, tossindo e assoando o nariz. Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em

casa enquanto ele tomava o seu sábado. Catarina! chamou aborrecido embora soubesse que ela não poderia mais ouvi-lo. Levantou-se, foi à janela e um segundo depois enxergou sua mulher e seu filho na calçada.

Os dois haviam parado, a mulher talvez decidindo o caminho a tomar. E de súbito pondo-se em marcha.

Por que andava ela tão forte, segurando a mão da criança? Pela janela via sua mulher prendendo com força a mão da criança e caminhando depressa, com os olhos fixos adiante; e, mesmo sem ver, o homem adivinhava sua boca endurecida. A criança, não se sabia por que obscura compreensão, também olhava fixa para a frente, surpreendida e ingênua. Vistas de cima, as duas figuras perdiam a perspectiva familiar, pareciam achatadas ao solo e mais escuras à luz do mar. Os cabelos da criança voavam...

O marido repetiu-se a pergunta que, mesmo sob a sua inocência de frase cotidiana, inquietou-o: aonde vão? Via preocupado que sua mulher guiava a criança e temia que neste momento em que ambos estavam fora de seu alcance ela transmitisse a seu filho... mas o quê? “Catarina”, pensou, “Catarina, esta criança ainda é inocente!” Em que momento é que a mãe, apertando uma criança, dava-lhe esta prisão de amor que se abateria para sempre sobre o futuro homem. Mais tarde, seu filho, já homem, sozinho, estaria de pé diante desta mesma janela, batendo dedos nesta vidraça; preso. Obrigado a responder a um morto. Quem saberia jamais em que momento a mãe transferia ao filho a herança. E com que sombrio prazer. Agora mãe e filho compreendendo-se dentro do mistério partilhado. Depois ninguém saberia de que negras raízes se alimenta a liberdade de um homem, “Catarina”, pensou com cólera, “a criança é inocente!” Tinham porém desaparecido pela praia. Mistério partilhado.

“Mas e eu, e eu?” perguntou assustado. Os dois tinham ido embora sozinhos. E ele ficara. “Como seu sábado.” E sua gripe. No apartamento arrumado, onde “tudo corria bem”. Quem sabe se sua mulher estava fugindo com o filho, da sala de luz bem regulada, dos móveis bem escolhidos, das cortinas e dos quadros? Fora isso o que ele lhe dera. Apartamento de um engenheiro. E sabia que se a mulher aproveitava da situação de um marido moço e cheio de futuro - desprezava-a também, com aqueles olhos sonsos, fugindo com seu filho

nervoso e magro. O homem inquietou-se. Porque não poderia continuar a lhe dar senão: mais sucesso. E porque sabia que ela o ajudaria a consegui-lo e odiaria o que conseguissem. Assim era aquela calma mulher de trinta e dois anos que nunca falava propriamente, como se tivesse vivido sempre. As relações entre ambos eram tão tranqüilas. À vezes ele procurava humilhá-la, entrava no quarto enquanto ela mudava de roupa porque sabia que ela detestava ser vista nua. Porque precisava humilhá-la? No entanto ele bem sabia que ela só seria de um homem enquanto fosse orgulhosa. Mas tinha se habituado a torna-la feminina deste modo: humilhava-a com ternura, e já agora ela sorria – sem rancor? Talvez de tudo isso tivessem nascido suas relações pacíficas, e aquelas conversas em voz tranqüila que faziam a atmosfera do lar para a criança. Ou esta se irritava às vezes? Às vezes o menino se irritava, batia os pés, gritava sob pesadelos. De onde nascera esta criaturinha vibrante, senão do que sua mulher e ele haviam cortado da vida diária. Viviam tão tranqüilos que, se se aproximava um momento de alegria, eles se olhavam rapidamente, quase irônicos, e os olhos de ambos diziam: não vamos gasta-lo, não vamos ridiculamente usá-lo. Como se tivessem vivido desde sempre.

Mas ele a olhara da janela, vira-a andar depressa de mãos dadas com o filho, e dissera-se: ela está tomando o momento de alegria – sozinha. Sentira-se frustrado porque há muito não poderia viver senão com ela. E ela conseguia tomar seus momentos – sozinha. Por exemplo, que fizera sua mulher entre o trem e o apartamento? Não que suspeitasse dela, mas inquietava-se.

A última luz da tarde estava pesada e abatia-se com gravidade sobre os objetos. As areias estalavam secas. O dia inteiro estivera sob essa ameaça de irradiação. Que nesse momento, sem rebentar, embora, se ensurdecia cada vez mais e zumbia no elevador ininterrupto do edifício. Quando Catarina voltasse, eles jantariam afastando as mariposas. O menino gritaria no primeiro sono, Catarina interromperia um momento o jantar... e o elevador não pararia por um instante sequer?! Não, o elevador não pararia um instante.

- “Depois do jantar iremos ao cinema”, resolveu o homem. Porque depois do cinema seria enfim noite, e este dia se quebraria com as ondas nos rochedos do Arpoador.

____ Texto 2 _____

Feliz aniversário

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.

Tendo Zilda – a filha com quem a aniversariante morava – disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição de ultrajada. “Vim para não deixar de vir”, dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. As duas mocinhas e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.

Depois veio a nora de Ipanema, com dois netos e a babá. O marido viria depois. E como Zilda – a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante -, e como Zilda estava na cozinha a ultimar com a empregada os croquetes e sanduíches, ficaram: a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta.

E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sugados pelo teto; em alguns estava escrito “*Happy Birthday!*”, em outros “Feliz aniversário!” No centro havia disposto o enorme bolo açúcarado. Para adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço, encostara as cadeiras à parede, mandara os meninos brincarem no vizinho para que não desarrumassem a mesa.

E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado – sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa.

De vez em quando consciente dos guardanapos coloridos. Olhando curiosa um ou outro balão estremecer aos carros que passavam. E de vez em quando aquela angústia muda: quando acompanhava, fascinada e impotente, o vôo da mosca em torno do bolo.

Até que às quatro horas da tarde entrara a nora de Olaria e depois a de Ipanema.

Quando a nora de Ipanema pensou que não suportaria nem um segundo mais a situação de estar sentada defronte da concunhada de Olaria – que cheia das ofensas passadas não via um motivo para desfitar desafiadora a nora de Ipanema – entraram enfim José e a família. E mal eles se beijaram, a sala começou a ficar cheia de gente, que ruidosa se cumprimentava como se todos tivessem esperado embaixo o momento de, em afobação de atraso, subir os três lances de escada, falando, arrastando crianças surpreendidas, enchendo a sala – e inaugurando a festa.

Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca.

- Oitenta e nove anos, sim senhor! Disse José, filho mais velho agora que Jonga tinha morrido. Oitenta e nove anos, sim senhora! Disse esfregando as mãos em admiração pública e como sinal imperceptível para todos,

Todos se interromperam atentos e olharam a aniversariante de um modo mais oficial. Alguns abanaram a cabeça em admiração como a um recorde. Cada ano vencido pela aniversariante era uma vaga etapa da família toda. Sim senhor! Disseram alguns sorrindo timidamente.

- Oitenta e nove anos! Ecoou Manoel que era sócio de José. É um brotinho!, disse espirituoso e nervoso, e todos riram, menos sua esposa.

A velha não se manifestava.

Alguns não lhe haviam trazido presente algum. Outros trouxeram saboneteira, uma combinação de jérsei, um broche de fantasia, um vasinho de cactus – nada, nada que a dona da casa pudesse aproveitar para si mesma ou para seus filhos, nada que a própria aniversariante pudesse realmente aproveitar constituindo assim uma economia: a dona da casa guardava os presentes, amarga, irônica.

- Oitenta e nove anos! Repetiu Manoel aflito, olhando para a esposa.

A velha não se manifestava.

Então, como se todos tivessem tido a prova final de que não adiantava se esforçarem, com um levantar de ombros de quem estivesse junto de uma surda, continuaram a fazer a festa sozinhos, comendo os primeiros sanduíches de presunto mais como prova de animação que por apetite, brincando de que todos estavam morrendo de fome. O ponche foi servido, Zilda suave, nenhuma cunhada ajudou propriamente, a gordura quente dos croquetes dava um cheiro de piquenique; e de costas para a aniversariante, que não podia comer frituras, eles riam inquietos. E Cordélia? Cordélia, a nora mais moça, sentada sorrindo.

- Não senhor! Respondeu José com falsa severidade, hoje não se fala de negócios!

- Está certo, está certo! Recuou Manoel depressa, olhando rapidamente para sua mulher, que longe estendia um ouvido atento.

- Nada de negócios, gritou José, hoje é o dia da mãe!

Na cabeceira da mesa já suja, os copos maculados, só o bolo inteiro – ela era a mãe. A aniversariante piscou os olhos.

E quando a mesa estava imunda, as mães enervadas com o barulho que os filhos faziam, enquanto as avós se recostavam complacentes nas cadeiras, então fecharam a inútil luz do corredor para acender a vela do bolo, uma vela grande com um papelzinho colado onde estava escrito “89”. Mas ninguém elogiou a idéia de Zilda, e ela se perguntou angustiada se eles não estariam pensando que fora por economia de velas – ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa, que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado. Então acenderam a vela. E então José, o líder, cantou com muita força, entusiasmando com um olhar autoritário os mais hesitantes ou surpreendidos, “Vamos! Todos de uma vez!” – e todos de repente começaram a cantar alto como soldados. Despertada pelas vozes, Cordélia olhou esbaforida. Como não haviam combinado, uns cantaram em português e outros em inglês. Tentaram então corrigir: e os que haviam cantado em inglês passaram a português, e os que haviam cantado em português passaram a cantar bem baixo em inglês.

Enquanto cantavam, a aniversariante, à luz da vela acesa, meditava como junto de uma lareira.

Escolheram o bisneto menor, que, debruçado no colo da mãe encorajadora, apagou a chama com um único sopro cheio de saliva! Por um instante bateram palmas à potência inesperada do menino, que, espantado e exultante, olhava para todos encantado. A dona da casa esperava com o dedo pronto no comutador do corredor – e acendeu a lâmpada.

- Viva mamãe!

- Viva vovó!

- Viva D. Anita, disse a vizinha que tinha aparecido.

- *Happy birthday!* – gritaram os netos do Colégio *Bennett*.

Bateram ainda algumas palmas ralas.

A aniversariante olhava o bolo apagado, grande e seco.

- Parta o bolo, vovó! disse a mãe dos quatro filhos, é ela quem deve partir! Assegurou incerta a todos, com ar íntimo e intrigante. E, como todos aprovassem satisfeitos e curiosos, ela se tornou de repente impetuosa: parta o bolo, vovó!

E de súbito a velha pegou a faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assassina.

- Que força, segredou a nora de Ipanema, e não se sabia se estava escandalizada ou agradavelmente surpreendida. Estava um pouco horrorizada.

- Um ano atrás ela era capaz de subir essas escadas com mais fôlego do que eu, disse Zilda amarga.

Dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotovelas de animação, cada um para a sua pazinha.

Em breve as fatias eram distribuídas pelos pratinhos, num silêncio cheio de rebuliço. As crianças pequenas, com a boca escondida pela mesa e os olhos ao nível desta, acompanhavam a distribuição com muda intensidade. As passas rolavam do bolo entre farelos secos. As crianças angustiadas viam se desperdiçarem as passas, acompanhavam atentas a queda.

E quando foram ver, não é que a aniversariante já estava devorando o seu último bocado?

E por assim dizer a festa estava terminada.

Cordélia olhava ausente para todos, sorria.

- Já lhe disse: hoje não se fala em negócios! respondeu José radiante.

- Está certo, está certo! Recolheu-se Manoel conciliador sem olhar a esposa que não o fitava. Está certo, tentou Manoel sorrir e uma contração passou-lhe rápido pelos músculos da cara.

- Hoje é dia da mãe! Disse José.

Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou.

Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era

a mãe de todos. E como se a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração. Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada, cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e intumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida lhe falhava. Como?! Como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devido com um homem a quem, obediente e independente, a respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos, lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

- Mamãe! gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe! gritou ela, passada de vergonha, e não queria sequer olhar os outros, sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação à velha, e não faltaria muito para dizerem que ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia. – Mamãe, que é isso! disse baixo, angustiada. A senhora nunca fez isso! acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegarás tua mãe. Mas seu enorme vexame suavizou-se quando ela percebeu que eles abanavam a cabeça como se estivessem de acordo com a velha, não passava agora de uma criança.

- Ultimamente ela deu para cuspir, terminou então confessando contrita para todos.

Todos olharam a aniversariante, compungidos, respeitosos, em silêncio.

Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Os meninos, embora crescidos – provavelmente já além dos cinqüenta anos, que sei eu! -, os meninos

ainda conservavam os traços bonitinhos. Mas que mulheres haviam escolhido! E que mulheres os netos – ainda mais fracos e mais azedos – haviam escolhido. Todas vaidosas e de pernas finas, com aqueles colares falsificados de mulher que na hora não agüenta a mão, aquelas mulherinhas que casavam mal os filhos, que não sabiam pôr uma criada em seu lugar, e todas elas com as orelhas cheias de brincos – nenhum, nenhum de ouro! A raiva a sufocava.

- Me dá um copo de vinho! disse.

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

- Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosamente a neta roliça e baixinha.

- Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! Me dá um copo de vinho, Dorothy!, ordenou.

Dorothy não sabia o que fazer, olhou para todos em pedido cômico de socorro. Mas, como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava. A festa interrompida, os sanduíches mordidos na mão, algum pedaço que estava na boca a sobrar seco, inchando tão fora de hora a bochecha. Todos tinham ficado cegos, surdos e mudos, com croquetes na mão. E olhavam impassíveis.

Desamparada, divertida, Dorothy deu o vinho: astuciosamente apenas dois dedos no copo. Inexpressivos, preparados, todos esperaram pela tempestade.

Mas não só a aniversariante não explodiu com a miséria de vinho que Dorothy lhe dera, como não mexeu no copo.

Seu olhar estava fixo, silencioso como se nada tivesse acontecido.

Todos se entreolharam polidos, sorrindo cegamente, abstratos como se um cachorro tivesse feito pipi na sala. Com estoicismo, recomeçaram as vozes e risadas. A nora de Olaria, que tivera o seu primeiro momento uníssono com os outros quando a tragédia vitoriosamente parecia prestes a se desencadear, teve que retornar sozinha à sua severidade, sem ao menos o apoio dos três filhos que agora se misturavam traidoramente com os outros. De sua cadeira reclusa, ela analisava crítica aqueles vestidos sem nenhum modelo, sem um drapejado, a

mania que tinham de usar vestido preto com colar de pérolas, o que não era moda coisa nenhuma, não passava era de economia. Examinando distante os sanduíches que quase não tinham levado manteiga. Ela não se servira de nada, de nada! Só comera uma coisa de cada, para experimentar.

E por assim dizer, de novo a festa estava terminada.

As pessoas ficaram sentadas benevolentes. Algumas com a atenção voltada para dentro de si, à espera de alguma coisa a dizer. Outras vazias e expectantes com um sorriso amável, o estômago cheio daquelas porcarias que não alimentavam mas tiravam a fome. As crianças, já incontroláveis, gritavam cheias de vigor. Umas já estavam de cara imunda; as outras, menores, já molhadas; a tarde caía rapidamente. E Cordélia? Cordélia olhava ausente, com um sorriso estonteado, suportando sozinha o seu segredo. Que é que ela tem? Alguém perguntou com uma curiosidade negligente, indicando-a de longe com a cabeça, mas também não responderam. Acenderam o resto das luzes para precipitar a tranqüilidade da noite, as crianças começavam a brigar. Mas as luzes eram mais pálidas que a tensão pálida da tarde. E o crepúsculo de Copacabana, sem ceder, no entanto se alargava cada vez mais e penetrava pelas janelas como um peso.

- Tenho que ir, disse perturbada uma das noras levantando-se e sacudindo os farelos da saia. Vários se ergueram sorrindo.

A aniversariante recebeu um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar fosse uma armadilha. E, impassível, piscando, recebeu aquelas palavras propositadamente atropeladas que lhe diziam tentando dar um final arranco de efusão ao que não era mais senão passado: a noite já viera quase totalmente. A luz da sala parecia então mais amarela e mais rica, as pessoas envelhecidas. As crianças já estavam histéricas.

-Será que ela pensa que o bolo substitui o jantar, indagava-se a velha nas suas profundezas.

Mas ninguém poderia adivinhar o que ela pensava. E para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que aprecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a toalha como encerrando um cetro, e com aquela mudez que era a sua última

palavra. Com um punho fechado sobre a mesa, nunca mais ela seria apenas o que ela pensasse. Sua aparência final a ultrapassara e, superando-a, se agigantava serena. Cordélia olhou-a espantada. O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava talvez pela última vez: É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta.

Porém nenhuma vez mais repetiu. Porque a verdade era um relance. Cordélia olhava-a estarrecida. E, para nunca mais, nenhuma vez repetiu – enquanto Rodrigo, o neto da aniversariante, puxava a mão daquela mãe culpada, perplexa e desesperada que mais uma vez olhou para trás implorando à velhice ainda um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim, agarrar a sua derradeira chance de viver. Mais uma vez Cordélia quis olhar.

Mas a esse novo olhar – a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa.

Passara o relance. E arrastada pela mão paciente e insistente de Rodrigo, a nora seguiu-o espantada.

- Nem todos têm o privilégio e o orgulho de se reunirem em torno da mãe, pigarreou José lembrando-se de que Jonga é quem fazia os discursos.

- Da mãe, vírgula! Riu baixo a sobrinha, e a prima mais lenta riu sem achar graça.

- Nós temos, disse Manoel acabrunhado sem mais olhar para a esposa. Nós temos esse grande privilégio, disse distraído enxugando a palma úmida das mãos.

Mas não era nada disso, apenas o mal-estar da despedida, nunca se sabendo ao certo o que dizer, José esperando de si mesmo com perseverança e confiança a próxima frase do discurso. Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha. Os outros aguardavam. Como Jonga fazia falta nessas horas! Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara, e isso dera a Jonga tanta segurança. E quando ele morrera, a velha nunca mais falara nele, pondo um muro entre sua morte e os outros. Esquecera-o talvez. Mas não esquecera aquele mesmo olhar firme e direto com que desde sempre olhara os outros filhos,

fazendo-os sempre desviar os olhos. Amor de mãe era duro de suportar: José enxugou a testa, heróico, risonho.

E de repente veio a frase:

- Até o ano que vem! Disse José subitamente com malícia, encontrando, assim, sem mais nem menos, a frase certa: uma indireta feliz! Até o ano que vem, hein?, repetiu com receio de não ser compreendido.

Olhou-a, orgulhoso da artimanha da velha que espertamente sempre vivia mais um ano.

- No ano que vem nos veremos diante do bolo aceso! Esclareceu melhor o filho Manoel, aperfeiçoando o espírito do sócio. Até o ano que vem, mamãe! e diante do bolo aceso! Disse ele bem explicado, perto de seu ouvido, enquanto olhava obsequioso para José. E a velha de súbito cacarejou um riso frouxo, compreendendo a alusão.

Então ela abriu a boca e disse:

- Pois é.

Estimulado pela coisa ter dado tão inesperadamente certo, José gritou-lhe emocionado, grato, com os olhos úmidos.

- No ano que vem nos veremos, mamãe!

- Não sou surda! Disse a aniversariante rude, acarinhada.

Os filhos se olharam rindo, vexados, felizes. A coisa tinha dado certo.

As crianças foram saindo alegres, com o apetite estragado. A nora de Olaria deu um cascudo de vingança no filho alegre demais e já sem gravata. As escadas eram difíceis, escuras, incrível insistir em morar num prediozinho que seria fatalmente demolido mais dia menos dia, e na ação de despejo Zilda ainda ia dar trabalho e querer empurrar a velha para as noras - pisado o último degrau, com alívio os convidados se encontraram na tranqüilidade fresca da rua. Era noite sim. Com o seu primeiro arrepio.

Adeus, até outro dia, precisamos nos ver. Apareçam, disseram rapidamente. Alguns conseguiram olhar nos olhos dos outros com uma cordialidade sem receio. Alguns abotoavam os casacos das crianças, olhando o céu à procura de um sinal do tempo. Todos sentindo obscuramente que na despedida se poderia talvez, agora sem perigo de compromisso, ser bom e dizer

aquela palavra a mais – que palavra? Eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo, mudos. Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto. Começaram a se separar, andando meio de costas, sem saber como se desligar dos parentes sem brusquidão.

- Até o ano que vem! repetiu José a indireta feliz, acenando a mão com vigor efusivo, os cabelos ralos e brancos esvoaçavam. Ele estava era gordo, pensaram, precisava tomar cuidado com o coração. Até o ano que vem! gritou José eloqüente e grande, sua altura parecia desmoronável. Mas as pessoas já afastadas não sabiam se deviam rir alto para ele ouvir ou se bastaria sorrir mesmo no escuro. Além de alguns pensarem que felizmente havia mais que uma brincadeira na indireta e que só no próximo ano seriam obrigados a se encontrar diante do bolo aceso; enquanto que outros, já mais no escuro da rua, pensavam se a velha resistiria mais um ano ao nervoso e à impaciência de Zilda, mas eles sinceramente nada podiam fazer a respeito: “Pelo menos noventa anos”, pensou melancólica a nora de Ipanema. “Para completar uma data bonita”, pensou sonhadora.

Enquanto isso, lá em cima, sobre escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)